



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII  
SENHOR DO BONFIM – BA  
PEDAGOGIA 2008.1**

**JOILMA SANDRI JESUS DE SOUZA**

**AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS CONSTITUINTES DA MILITÂNCIA DE  
LÍDERES COMUNITÁRIAS DE LAGES DOS NEGROS NA  
CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA**

**SENHOR DO BONFIM/BA  
AGOSTO – 2012**



**JOILMA SANDRI JESUS DE SOUZA**

**AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS CONSTITUINTES DA MILITÂNCIA DE  
LÍDERES COMUNITÁRIAS DE LAGES DOS NEGROS NA  
CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação / Campus VII - Senhor do Bonfim, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como parte dos requisitos para obtenção de graduação no Curso de Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Elizabeth Souza Gonçalves

**SENHOR DO BONFIM – BA  
AGOSTO – 2012**

**JOILMA SANDRI JESUS DE SOUZA**

**AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS CONSTITUINTES DA MILITÂNCIA DE  
LÍDERES COMUNITÁRIAS DE LAGES DOS NEGROS NA  
CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação / Campus VII- Senhor do Bonfim, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como parte dos requisitos para obtenção de graduação no Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2012

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Maria Elizabeth Souza Gonçalves (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Ivânia Paula de Freitas Souza

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Maria Conceição Curaçá Gonçalves

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao meu amado e querido Deus, que me acompanha durante todos os momentos da minha vida e esteve presente inclusive nas madrugadas angustiantes quando eu produzia este estudo, não posso esquecer-me de minha mãe Maria Santíssima que intercedeu por mim junto ao seu filho Jesus Cristo nosso Senhor.*

*Deus nem sempre nos dá o que pedimos, mas sempre nos dá o que precisamos. Obrigada Senhor pela sabedoria ofertada a mim possibilitando a produção desta pesquisa e por me fazer entender que Deus não é um carrasco que nos pune a todo o momento pelos nossos erros, mas Ele é o barco que nos salva quando nos lançam em alto mar em meio às tempestades.*

*Enfim, dedico este trabalho de conclusão de curso ao Divino Espírito Santo do Senhor, que com um carinho e atenção inigualável agiu com poder atendendo as minhas preces e orações para concluir o curso de licenciatura em pedagogia com responsabilidade, compromisso e gratidão.*

## **AGRADECIMENTOS**

Especialmente agradeço de forma carinhosa a minha mãe Sônia Maria, sua iniciativa e disposição para trabalhar me ensinou a valorizar tudo o que tenho e possuo assim como meu pai José Lopes de Souza.

A minha avó Maria, que tanto amo, agradeço eternamente, pois a humildade que ela me ensinou a viver fez de mim quem eu sou. Um forte abraço a toda a minha família, tias, primos e primas, obrigada por acreditarem em mim.

A minha inestimável professora, amiga e orientadora Maria Elizabeth Souza Gonçalves, uma mulher forte e admirável, obrigada por tudo, a recepção em sua casa, suas orientações levarei comigo por toda vida.

Aos professores que auxiliaram meu processo de formação como pedagoga atuante, crítica e reflexiva, sentirei saudades e guardarei sempre os ensinamentos que aprendi com Pascoal Eron, Ana Maria e Simone Wanderley.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, por oferecer o curso de Pedagogia e consequentemente alargar meus conhecimentos propondo reflexões críticas acerca da sociedade e as relações com os sujeitos que fazem parte desta.

Aos funcionários da biblioteca, em especial a Maria Unilce Alves Lima, que sempre me recebeu com carinho e atenção.

Quanto aos demais funcionários da Universidade, agradeço as contribuições do colegiado de pedagogia, na pessoa de Elivete Alves, a parte administrativa meu abraço a Adriano Vieira e ao núcleo de pesquisa um abraço a Assivânia Lúcia e Virgínia Rosa.

Aos amigos que conquistei na turma de pedagogia 2008.1, com carinho especial a amiga de todas as horas Marlene Correia, como também Maria Ferreira e Michel Renno.

A Comunidade Quilombola de Lages dos Negros, especialmente Hilda Costa, Angélica Carvalho e Joelina Celestino, a militância política que aprendi com essas três mulheres fortes e guerreiras, abriu meus olhos para reivindicar e propor mudanças na conjuntura social na qual estou inserida.

Agradeço todo o carinho e orações oferecidas a mim ao grupo de Missionários Redentoristas Leigos (MRL), especialmente agradeço com carinho ao meu orientador espiritual Padre Antonio Niemiec, CSsR, com suas palavras doces e reconfortantes, muito obrigada a MRL Jeanete Rodrigues que tem dedicado a mim um amor materno o qual serei eternamente grata, também quero agradecer a MRL Gláucia Jatobá pelo apoio e as orações direcionadas a mim.

Não posso deixar de agradecer as pessoas que acreditaram no meu potencial:

Começo agradecendo a Rita de Cássia funcionária da Biblioteca Municipal Profª Zenaura Therezinha Campos Dias, localizada na Praça Alexandre Góes em Senhor do Bonfim-Ba, obrigada pelo apoio antes mesmo do início da minha vida acadêmica.

A Maria do Perpétuo Socorro professora do Colégio Estadual Teixeira de Freitas, foi minha professora de geografia em todo o Ensino Fundamental II, sempre ensinou seus alunos que é possível trabalhar com ética, mesmo diante de um sistema que nos oprime e corrompe.

Serei eternamente grata ao apoio e carinho dos meus amigos que sempre aceitaram minhas decisões, muito obrigada a Maria Aparecida Monteiro (Cidoca), Gilmar D'Oliveira, Valdenira Góes (Dudu), Tailane Ferreira, Ivonilde Batista e Eliomar Barbosa (Júnior).



*A figuração que singulariza a mulher negra brasileira passa quase sempre despercebida na sociedade e é representada, na maioria das vezes, por estereótipos, conceitos, como os de escrava, doméstica, lavadeira e outros, que legitimam o conceito de inferioridade e desqualificam a mulher negra.*

*Eliane de Oliveira*

*A invisibilidade da mulher negra obscurece uma história de luta e resistência. No passado, luta contra a escravidão e a dominação senhorial e, depois da Abolição, até os dias de hoje, por afirmação de uma identidade específica historicamente construída, que se distingue da história das mulheres do grupo socialmente hegemônico.*

*Sueli Carneiro*

## RESUMO

Esta pesquisa de conclusão de curso (TCC) discute as histórias de vida de mulheres que participaram do processo de constituição da escola pública Rosalvo Luis Celestino em Lages dos Negros, aqui constarão as memórias de mulheres negras, sertanejas, educadoras, religiosas, militantes políticas, partidárias, remanescentes de quilombo, possibilitando a desconstrução de concepções reducionistas sobre as mulheres negras que buscam ocupar espaços negados pela sociedade machista e racista que temos ainda hoje. Para tanto, nos debruçamos nas ideias de: Ponce (1998), Roberto (2006), Louro (1997), Chiavenato (1999), Silva (2010), Hall (1998), Munanga (2004), Abramowicz (2006), Gohn (1995), entre outros. Desenvolvemos esta pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa. Assim, adotamos como instrumentos de coletas de dados a observação participante, a entrevista semi-estruturada e a história oral. As histórias de vida das depoentes narradas através da janela de suas memórias nos possibilitam enxergar mundos individuais e coletivos sob diferentes perspectivas, fazendo com que as identidades dialoguem. Neste sentido, este trabalho se propõe a discutir sobre a influência da militância política nas relações identitárias das mulheres negras da Comunidade de Lages dos Negros, por acreditar que a militância foi/é responsável pelas conquistas e transformações na realidade local da referida comunidade.

Palavras - chave: **Mulher. Identidade. Militância Política.**

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO - EXPLORANDO A TEMÁTICA.....</b>	<b>14</b>
1.1 A mulher em busca da emancipação.....	22
1.1.2 O direito e a diferença entre homem e mulher: uma questão de gênero.....	24
1.2 A identidade e seus conflitos.....	26
1.3 A Força da Militância Política.....	28
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>32</b>
2.1 Tipo de pesquisa.....	32
2.2 Lócus da pesquisa.....	33
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	33
2.4 Instrumentos de coleta de dados.....	34
2.4.1 Observação participante.....	34
2.4.2 Entrevista semi-estruturada.....	35
2.4.3 História Oral.....	36
2.4.4 As fontes.....	37
2.4.4.1 Fontes escritas.....	38
2.4.4.2 Fontes orais.....	39
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>40</b>
3.1 Lages dos Negros: como tudo começou.....	40
3.2 O despertar das vozes silenciadas.....	43
3.3 A mulher negra como protagonista de sua história.....	50
3.4 O diálogo das identidades que se cruzam.....	54
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
<b>FONTES ELETRÔNICAS.....</b>	<b>63</b>
<b>FONTES ORAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo de conclusão de curso é resultado de uma pesquisa de iniciação científica, financiada pela UNEB/PICIN, no período de julho de 2011 a agosto de 2012. A pesquisa realizou-se na Comunidade Quilombola de Lages dos Negros, Distrito da Cidade de Campo Formoso/BA.

Discutiremos sobre a ascensão social da mulher negra na contemporaneidade diante da inviabilização encontrada para atuar em diversos espaços com igualdade de gênero e raça. Essa temática nos leva a discutir sobre a militância política na comunidade quilombola de Lages dos Negros e suas influências acerca das conquistas e o resgate identitário como prática transformadora numa comunidade quilombola, fazendo o outro se enxergar e afirmar sua negritude livre de estereótipos.

Sendo assim, nosso trabalho percorrerá trilhas que nos levará a refletir sobre as situações já citadas na busca de responder questionamentos que nos provocam e inquietam a partir do momento que participamos no período de junho a setembro de 2008 na associação agropastoril quilombola de Tijuaçu e adjacências do projeto: Ensinando Quilombolas a Cobrar seus Direitos Cidadãos, um curso que discutia a história da África e a história do negro no Brasil.

Desde então, no 3º semestre do curso de pedagogia, especialmente no componente curricular Cultura Afro-Brasileira e Indígena, tivemos a oportunidade de trabalhar na escola municipal Dr. Luis Viana Filho, localizada na Praça Simões Filho no centro de Senhor do Bonfim – BA, com o projeto: A Cultura Afro-Brasileira no Âmbito Escolar, com o objetivo de identificar como a cultura afro-brasileira é trabalhada nas séries iniciais na escola citada acima, propondo uma reflexão dos profissionais atuantes neste nível de ensino em relação as suas origens, alargando o nosso conhecimento.

Continuando nossa trajetória no curso de pedagogia, no 4º semestre trabalhamos na mesma escola já citada com o projeto: Qual a compreensão que os professores da escola Municipal Dr. Luis Viana Filho tem sobre Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental, o nosso objetivo foi identificar qual a compreensão que os professores

da referida escola tem sobre cultura afro-brasileira no ensino fundamental, por perceber a necessidade de trabalhar essa questão que está tão presente nas discussões do Brasil, da Bahia e da região de Senhor do Bonfim, mas uma vez escolhemos este lócus de pesquisa porque ele apresenta uma quantidade significativa de alunos com descendência africana.

A cada semestre o interesse e as inquietações pelas questões da cultura afro-brasileira, negritude, identidade, aumentavam e tínhamos a intenção de continuar trabalhando com discussões e práticas que pudessem transformar a realidade daqueles que buscam mudanças, neste caso a parte mais atingida é a população negra, e assim no 7º semestre trabalhamos no estágio de séries iniciais com o projeto: A representação do negro no livro didático expressada no contexto da contemporaneidade.

Buscamos através deste estudo propor uma ressignificação aos valores direcionados à representação do negro exposta no livro didático. O objetivo deste projeto foi oportunizar através do estágio supervisionado, um olhar sobre a concepção de “ser negro”, dando ênfase à maneira como o negro é representado no livro didático, refletindo sobre a ressignificação da identidade.

Todas estas discussões ao longo de nossa vida acadêmica nos proporcionaram um conhecimento singular em relação a todas estas questões, além de expandir nosso conhecimento nos levou a refletir sobre a nossa própria identidade. E então surgiu o convite da professora Elizabeth Gonçalves para trabalharmos em um pesquisa de iniciação científica na Comunidade Quilombola de Lages dos Negros, vimos de imediato que esta pesquisa nos concederia uma ocasião favorável para responder as perguntas que outrora nos instigaram.

Portanto, através das análises realizadas refletiremos debruçadas sobre a imagem da mulher negra na contemporaneidade, que deseja ser emancipada da submissão que a ela foi imposta atravessando gerações, o conceito de identidade e ainda o poder da militância política em uma comunidade quilombola.

Para facilitar a compressão e o entendimento, a fim de responder às inquietações que nos cercam durante nossa jornada acadêmica, nosso trabalho de conclusão de curso foi dividido em partes:

No capítulo I, faremos um contexto histórico da participação ativa da mulher numa sociedade machista e sexista, e seu papel na sociedade brasileira, as angústias sofridas durante séculos e suas conquistas, explanando a importância dos movimentos sociais para libertação das mulheres de uma vida de submissão e omissão, além de discutir o que nos levou a este problema de pesquisa e o objetivo em questão. Discutiremos sobre a emancipação da mulher negra em uma vida marcada pelo preconceito, sua vida na perspectiva de gênero com as diferenças e igualdades, o conceito de identidade revelando como se afirma a identidade da mulher negra e o poder da militância política que cerca as mulheres da comunidade quilombola de Lages dos Negros. Além de fazermos uma discussão em torno dos conceitos chaves que este trabalho propõe. Embasamos nossa pesquisa com diferentes autores, foram estes: Chiavenato (1999) Ponce (1998), Roberto (2006), Louro (1997), Silva (2010), Hall (1998), Munanga (2004), Abramowicz (2006), Gohn (1995), entre outros, que foram de fundamental importância para conceituar e refletir sobre as palavras chaves desta pesquisa.

No capítulo II, apresentamos a metodologia utilizada, o tipo de pesquisa bem como os instrumentos utilizados para a coleta de dados, que foram a observação participante, entrevista semi estruturada e história oral, o lócus de pesquisa foi a comunidade quilombola de Lages dos Negros e os sujeitos foram três mulheres líderes comunitárias e militantes políticas da comunidade quilombola de Lages dos Negros.

No capítulo III, focalizamos a análise e interpretação dos resultados através de instrumentos metodológicos, sendo possível refletir sobre as relações identitárias constituintes da militância de líderes comunitárias de Lages dos Negros na constituição da escola pública e conseqüentemente responder a questão da pesquisa.

Por fim as considerações finais, onde fizemos reflexões acerca da proposta desta pesquisa, propondo um novo olhar em torno das mulheres negras e dos movimentos sociais a fim de alavancar mudanças nas relações de gênero e etnia.

## **CAPÍTULO I**

### **REFERÊNCIAL TEÓRICO – EXPLORANDO A TEMÁTICA**

Vivemos em uma sociedade preconceituosa onde há certo desconforto admitir que o ser humano e seus antepassados sejam oriundos do continente africano. Durante muito tempo a África foi vista como um único território e não como um continente de 54 nações, os povos africanos mesmo estando numa mesma territorialidade são diversificados, o que os simplifica é o fato de viverem no mesmo continente, sendo assim todos resultam de culturas, identidades, etnias diversas e não homogênea.

Ao contrário do que nos ensinaram na sala de aula, na África existiram há centenas de anos, grandes civilizações. Os livros didáticos - muitas vezes nas aulas de história - nos transmitem informações que expressam a “incapacidade” dos negros em construir uma civilização. Esse fato é bem apresentado, se observarmos a ideologia do colonialismo, que mostra o negro sempre na condição de mão-de-obra escrava. Devemos lembrar que até o final do século XIX, tudo o que foi erguido em nosso país teve a participação efetiva do negro, como afirma Chiavenato (1999): “O Brasil não existiria sem os negros. Toda a economia brasileira baseou-se na escravidão” (p.07).

Diante da diversidade de povos, resultados da miscigenação ocorrida aqui no Brasil, hoje ressaltamos com mais firmeza que a maioria dos brasileiros é afro-descendentes ou afro-brasileiros, apesar de muitos ainda não aceitarem essa condição. É preciso romper com as ideologias do sistema educacional que temos, pois este muitas vezes nos impossibilita de conhecer a cultura negra, e conseqüentemente afirmar que fazemos parte dessa cultura, além de ocultar a rica e diversificada contribuição cultural que os negros trouxeram para o nosso país, nos oferecendo apenas um olhar distorcido e estereotipado da África e de seus povos.

A sociedade brasileira dotada de discriminações construídas historicamente reflete preconceitos presentes em falas e atitudes de indivíduos nas suas relações sociais, e o racismo impregnado nessa conjuntura, cotidianamente vai sendo legitimado em diversos espaços.

Ainda hoje, muitos brasileiros têm uma visão reducionista de “ser negro”, para muitos os africanos foram trazidos para o Brasil como escravos, para ocupar os postos de trabalho manual da época e aceitaram de forma passiva sua condição. É preciso desmistificar algumas ideologias difundidas pelos portugueses, justificando a escravidão dos negros. Eles não foram “trazidos”, mas sim arrancados, seqüestrados da sua terra natal, massacrados, humilhados, violentados culturalmente, sem poder questionar, nos porões dos navios trouxeram além da mão de obra, suas ideias, hábitos e crenças, negadas a partir dos interesses de produção.

Sem dúvida a escravidão foi o maior genocídio da história da humanidade, nada se assemelha ao tráfico mercantil, que alterou de forma profunda as sociedades africanas, desorganizando-as do ponto de vista político, demográfico, econômico e sociocultural (PINSKY; 2001).

Seguindo o mesmo pensamento Chiavenato (1999) vem nos declarar que:

Desde a captura na África, passando pelos sofrimentos nos tumbeiros que os trouxeram ao Brasil, os negros foram vítimas de desumanidade gerada pela escravidão. Morriam de peste, de fome, de surras; tinham os membros e os órgãos genitais arrancados, eram cegados, aleijados ou jogados em formigueiros com o corpo besuntado de mel. (p.06).

Entre os séculos XV e XIX a escravidão no Brasil foi se desenvolvendo e mais de quatro milhões de indivíduos foram trazidos a força para este país. Esse massacre durou 400 anos e a partir, daí essas pessoas se tornaram escravos. Assim Pinsky (1999) vem nos mostrar que para o proprietário, os escravos eram vistos como uma propriedade e não como seres humanos.

O negro desde o início da escravidão foi impedido pelo sistema escravista de construir uma consciência crítica para romper com o processo de alienação e opressão que era submetido. Mesmo assim muitos grupos de resistência foram criados, quilombos, guerras religiosas, irmandades católicas dentre outras. A escravidão gerou uma ideologia reducionista do negro, como sendo ele somente um

ser inferior. Isso concede a classe dominante, o direito de usar o negro sem o considerar como ser humano. (CHIAVENATO, 1999).

A história do negro no Brasil trata da história da luta de seres humanos em busca da sua liberdade. É pensando nessa história que discutiremos aqui a dinâmica de construção da escola pública da comunidade de Lages dos Negros, onde alguns questionamentos foram esquecidos, porque não dizer ocultado, com a intenção de silenciar a voz que denuncia a inquietação que cerca aqueles que buscam mudanças, respeito e reconhecimento. Portanto, percebemos a importância de dialogar sobre os fatores que fomentaram a construção da escola pública local, levando em consideração as vivências individuais que resultaram em uma ação coletiva, onde as possibilidades de descortinar o que está oculto, ressignificar os embates identitários e consolidar a força política organizacional existente na comunidade, se fazem nas lutas cotidianas.

Nesta perspectiva este trabalho se propõe a fazer reflexões sobre as histórias de vida de mulheres que participaram do processo de constituição da escola pública de Lages dos Negros, aqui constarão as memórias de mulheres negras, sertanejas, educadoras, religiosas, militantes políticas, partidárias, remanescentes de quilombo, o que possibilitará a desconstrução de concepções reducionistas sobre as mulheres negras que aqui um dia foram escravas – tratadas como objetos, propriedade de outro ser humano – e hoje lutam cada vez mais para ocupar espaços mais que merecidos, negados pela sociedade machista e racista que temos ainda hoje em pleno século XXI.

E assim, buscando mudanças que transformem a realidade social do sujeito, é que foram criados os movimentos sociais, a partir da união de pessoas que comungam as mesmas ideologias fazendo com que a cidadania e a liberdade sejam realmente exercidas com igualdade, onde simultaneamente acontecem direitos e deveres, pois acreditam que o compromisso e a militância dão um novo sentido à vida daqueles que reivindicam e protestam.

Os movimentos sociais são entendidos como uma força de organização popular que representa estratégias de resistência ou articulação da realidade atual de um

determinado grupo. A postura política exercida pelos seus representantes e também seus aliados que são impulsionados por mudanças transformadoras, podem mudar a realidade, quebrando as barreiras e ecoando o grito que outrora foi silenciado devido às relações de poder existentes na sociedade. Sobre isso Gohn (2004) nos fala que:

A presença dos movimentos sociais é uma constante na história da política do país, mas ela é cheia de ciclos, com fluxos ascendentes e refluxos (alguns estratégicos, de resistência ou em face a nova conjuntura e as novas forças sociopolíticas em ação. O importante a destacar é esse campo de força sociopolítico e o reconhecimento de que suas ações impulsionam mudanças sociais diversas (p.01).

Destacaremos aqui, a força política organizacional dos movimentos sociais, refletida na postura e no discurso da comunidade lajeana em especial de três mulheres negras líderes comunitárias, militantes político-partidárias, remanescentes de quilombo, nesta perspectiva Oliveira (2006) ressalta que: “A participação nos movimentos sociais gera conhecimento e reconhecimento das condições de vida e dos problemas e possibilita grandes articulações com o saber científico” (p.31).

Refletiremos sobre a identidade, a postura política e militância exercida, decorrente do dinamismo social entrelaçado na comunidade, a visão que essas mulheres têm em torno de si e da comunidade. Compreender até que ponto a identidade pessoal influencia no coletivo histórico, em relação ao bem comum que é a constituição do espaço formal de educação.

Pretendemos ainda, discutir sobre o processo de autonomia das mulheres da comunidade, a “emancipação” conquistada na contemporaneidade diante da invisibilidade, do preconceito que coloca as mulheres ainda em condição inferior aos homens.

Sabemos que as mulheres têm adentrado cada vez mais no mercado de trabalho, com o aumento da escolarização feminina e a redução no número de filhos, a mulher moderna emancipou-se de uma vida reduzida apenas as tarefas domésticas, tendo autonomia e responsabilidades em seus novos papéis sociais. Mas mesmo

assim, profundas desigualdades ainda as cercam, pois permanecem como as mais pobres e mal remuneradas, as mais desempregadas e também as mais precarizadas.

Como explicam Pires, Maciel e Magalhães (2004):

A mulher negra está exposta a miséria, à pobreza, à violência ao analfabetismo, à precariedade de atendimento nos serviços assistenciais, educacionais e de saúde. Trata-se de uma maioria sem acesso aos bens e serviços existentes em nossa sociedade e, em muitos casos, exposta à violência. Entre as conseqüências extremas desta situação está o seu aniquilamento físico, político e social que chegam a atingir profundamente as novas gerações (p.26).

Isso nos leva a discutir as relações de gênero, e conseqüentemente falar sobre as relações de poder, pois vivemos em uma sociedade construída a partir de valores patriarcais, onde é possível perceber a exclusão do gênero feminino em diferentes campos: social, político e econômico. É necessário mudanças, mas mudanças de valores, pois afirmando nossas ideias Albornoz (1985) já afirmava os preconceitos vividos pelas mulheres negras desde o século passado:

A secular discriminação em relação às mulheres se concretiza em diferentes formas: nas atividades produtivas (salários desiguais, por exemplo), na família (encargos domésticos que no caso da mulher trabalhadora, configuram a dupla jornada de trabalho), nas responsabilidades sociais, na sexualidade (violência, publicidade, controle forçado da natalidade, função principal se não exclusiva de reprodução), na educação, entre outras (p.33).

Precisamos construir uma sociedade justa e com igualdade. Tal construção deve estar baseada na elaboração de políticas públicas que contemplem toda a população excluída, buscando assumir uma postura ética e democrática. Essas políticas devem estar voltadas principalmente para mulheres e para a população negra deste país, dando ênfase a educação buscando assim, construir uma sociedade crítica e participante.

Diante disso, é possível ressaltar que a educação é uma das formas mais pertinentes de aniquilar o preconceito existente nas relações de gênero, raça e etnia,

é se permitir conhecer o outro de forma igualitária reconhecendo as especificidades de cada um, de cada cultura.

Sabemos que o regime político adotado em nosso país é antidemocrático e a educação sofre mazelas em sua qualidade de ensino, com a expansão do ensino privado não temos uma educação pública de qualidade e igualitária para todos, na maioria das vezes somos oprimidos e alienados pelo sistema educacional presente. Em relação a isso Brandão (1995) nos relata que:

A política educacional implantada levou à progressiva desobrigação do Estado com o custeio da Educação, e à expansão do ensino privado. Assim, a educação está aberta à ação dos empresários do ensino, sujeita às leis da iniciativa privada, sendo negociada como mercadoria entre as partes interessadas em vender e comprar, o que revela o caráter elitista do atual processo educacional no Brasil. (Boletim Nacional das Associações de Docentes; nº 3) (p.59).

Devemos nos questionar, afinal a que e a quem serve a educação neste país. Se analisarmos as políticas públicas, veremos que elas atendem de forma insipiente aos interesses de pessoas e/ou grupos que realmente necessitam de seu uso e sim serve a grupos sociais determinados.

O fato é que inevitavelmente a educação tem o poder de transformar as pessoas em sujeitos sociais, dispostos a discutir, reivindicar e propor ações que transforme e favoreça a todos de uma forma justa e igualitária. Atualmente estamos vivenciando um momento único na educação, depois da sanção da lei 10.639/03 aumentou muito as discussões acerca da historicidade de negritude. Essa lei torna obrigatória a disciplina história e cultura afro brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares.

Embora essa discussão aconteça atualmente de forma muito intensa, vale ressaltar que é antiga a preocupação das organizações negras com a interação dos assuntos africanos e afro brasileiros ao currículo escolar (NASCIMENTO, 1991).

O fato é que mesmo tendo condições e obrigação legal para trabalhar com as questões de negritude, a valorização da identidade e a desconstrução da ideologia

do branqueamento em sala de aula através da lei 10.639/03, essa temática passa despercebida, devido ao sistema educacional que temos.

Existe em nosso país uma diversidade cultural que nos torna pluriétnicos, mas essas culturas por muito tempo não convivem de forma harmoniosa, sendo assim, o padrão estético privilegiado e cultural sempre foi o branco europeu. Porém com o entrelaçamento dessas diversas culturas surgiu a identidade nacional que temos, mesmo com sua complexidade, a cultura afro brasileira, que não desvaloriza a cultura europeia, mas, privilegia de forma especial a cultura negra.

Durante muito tempo, a população negra foi impedida de frequentar a escola, e quando essa situação mudou surgiram ideologias, desigualdades e estereótipos raciais que incomodavam, levando muitas vezes a evasão dos alunos negros da escola. O livro didático como única fonte de leitura de muitos, é na maioria das vezes o veículo que mais expande estereótipos e preconceitos raciais, temos como consequência disso a ideologia do branqueamento. Silva (1989) corrobora essa afirmativa quanto relata que:

Ao veicular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (p.57).

A ideologia do branqueamento se confirma quando o sujeito estigmatizado tende a valorizar a imagem do outro e rejeitar a si próprio, buscando aproximar-se dos valores tidos como verdadeiros.

Diante disso, compreende-se a importância da implementação da lei 10.639/03, pois ensinar a história da África aos alunos brasileiros é uma forma de romper com o sistema eurocêntrico de educação estabelecido nas escolas, porém uma das dificuldades para a real implementação dessa lei, é a falta de conhecimento de alguns professores que não tiveram uma formação específica em seus cursos de formação (SILVA, 2005).

Neste percurso, fomos levados a refletir vários questionamentos em relação à comunidade quilombola de Lages dos Negros, como se dá a educação da escola municipal de Lages dos Negros? Enquanto comunidade quilombola, o ensino e a aprendizagem produzidos estão voltados para o resgate identitário da comunidade quilombola? Há pontos de conflitos entre as identidades? Como se posicionam as discussões de gênero, tendo em vista a ascensão social de três mulheres negras que atualmente ocupam um espaço relevante na educação pública atual?

As histórias de vida das depoentes narradas através da janela de suas memórias nos possibilitam enxergar mundos individuais e coletivos sob diferentes perspectivas, fazendo com que as identidades dialoguem. E assim fomos levados a apontar a seguinte questão de pesquisa: Como são as relações identitárias constituintes da militância de líderes comunitárias de Lages dos Negros na constituição da escola pública?

O presente trabalho monográfico tem como objetivo: Analisar as relações identitárias constituintes da militância de líderes comunitárias de Lages dos Negros na constituição da escola pública.

Este objeto de estudo é relevante para a desmistificação de valores e preconceitos direcionados as questões de gênero e negritude. Numa sociedade estratificada como a nossa, as ideologias entrelaçadas nos interesses hegemônicos, consolidam perspectivas dando direcionamentos às histórias dos que edificaram com muita luta, as concepções de “ser negro” ao longo das transformações sociais. Portanto, faz-se necessário uma resignificação proposta por esse trabalho, em direção aos conceitos de gênero, negritude e identidade.

Vale ressaltar que a discriminação e o preconceito presente na população negra no Brasil estão atrelados ao processo de ensino e aprendizagem construído ao longo dos tempos e isso conseqüentemente vem caracterizando a ausência da História da África dos currículos e livros didáticos, tendo assim a valorização voltada para o estudo da história geral e como modelo a História Européia.

## 1.1 A Mulher em busca da emancipação

Através das relações existentes entre o homem e a mulher formou-se a espécie humana. Com a participação desses dois seres surgiu o que chamamos de sociedade. Alguns dados antropológicos insinuam que as relações existentes entre mulheres e homens eram quase iguais em termos de status nas sociedades nômades de caça e coleta (PONCE, 1998).

Fazendo uma análise do período 7.000 e 3.500 a. C. na Velha Europa, percebemos como algumas regiões davam primazia às deusas da fertilidade e da criação. Porém por volta de 4.300 e 4.200 a. C., tudo começou a mudar. A Velha Europa foi invadida por guerreiros vindos do Nordeste da Europa e da Ásia (os kurgan) e dos desertos do sul (os semitas). Suas civilizações baseavam-se numa estrutura hierárquica onde os homens eram dominantes. Nas suas religiões cultuavam deuses guerreiros masculinos, valorizando ainda mais a imagem do homem. Depois de conquistarem outros povos e os tornarem seus escravos, impuseram suas religiões ao grupo dominado, desvalorizando a imagem das deusas como divindade, então Deus tornou-se masculino e sua vontade remete a dominação da mulher pelo homem (ROBERTO, 2006).

E assim, a sociedade foi construída na perspectiva do olhar masculino, consolidando uma ideologia machista e sexista, excluindo o gênero feminino das posições que poderiam ser ocupadas se não fossem os preconceitos direcionados as mulheres.

A mente reducionista das sociedades antigas - e ainda hoje em algumas sociedades machistas – enxerga a mulher como um utensílio, onde suas únicas finalidades é parir, criar e educar. Essa situação se tornou presente durante muito tempo – persistindo ainda em algumas sociedades – na vida de muitas mulheres. Elas não tinham o poder de escolher/decidir, nada em suas vidas, o matrimônio era uma imposição da família, limitavam-se apenas a serem escolhidas, em seguida, venerar e submeter-se aos desejos de seu marido e também Senhor, pois estes muitas vezes as tratavam como escravas que deveriam apenas obedecer e cumprir suas ordens sem contestação.

Construíram-se assim as famílias, seguindo valores patriarcais, onde o homem era o chefe, autoritário e responsável por todos os membros da família, enquanto a mulher era submissa a todas as ordens do chefe da casa. Nos moldes da família patriarcal a autoridade do pai predomina como o nome já diz o patriarca. Temos como exemplo deste tipo de família algumas sociedades antigas como a família grega, a romana e também a civilização judaica apresentada na bíblia, todas consolidadas na raiz da cultura ocidental.

Entretanto, podemos ressaltar que ainda hoje há traços da família patriarcal, principalmente em zonas rurais. Como diz Albornoz (1985): “A família tradicional brasileira até bem pouco tempo conservava remanescentes de traços patriarcais, principalmente em meios da burguesia agrária ligada à fazenda” (p. 16).

Não estamos afirmando que família patriarcal é apenas aquela extensa pelo número de pessoas, mas sim pelo contexto social que está inserida, os valores, a submissão voltada para as mulheres e crianças, a intolerância, principalmente em relação ao comportamento sexual feminino, despertando uma grande discussão de gênero. Tais discussões surgiram desde o início do século passado e seguem com êxito a cada dia. Segundo Albornoz (1985):

[...] há grande tolerância em relação ao comportamento sexual masculino e grande rigidez em relação ao comportamento sexual feminino: a mulher é considerada a “depositária da honra da família”. A mulher infiel é facilmente “condenada” pela moral familiar. Sinal de sobrevivência desses valores patriarcais é o fato de serem entre nós geralmente absolvidos os maridos assassinos da esposa, se ficar provada a infidelidade desta (p. 17).

E assim, passamos de patriarcal para família contemporânea chamada de conjugal ou celular, é quase o padrão das famílias das cidades inclusive nas metrópoles, esse tipo de família reduz sua prole e a relação entre família e sociedade se transforma com a descoberta dos métodos anticoncepcionais, a mulher tem mais liberdade para controlar o nascimento em sua família, surgem então novas possibilidades como a independência da mulher em relação ao cuidado das crianças e maior prestação de serviços a sociedade.

Neste aspecto, nosso trabalho nos leva a discutir como a resistência e luta das mulheres – agora não submissa – consolidaram a igualdade de direitos, nos espaços que vem conquistando. Devemos estas conquistas às novas discussões e o novo conceito de gênero é fundamental para discussões acerca do universo feminino.

### **1.1.2 O direito e a diferença entre homem e mulher: uma questão de gênero**

As discussões de gênero segundo Guacira Louro (1997) vão muito além da distinção biológica, da definição das características sexuais, o que é feminino ou masculino. O conceito de gênero que discutiremos aqui neste trabalho está relacionado com os comportamentos de homens e mulheres na sociedade que estamos inseridos. Buscaremos compreender o preconceito e as dificuldades enfrentados pelas mulheres - principalmente as negras - sua vida política, trabalho, família, a vida sexual e produtiva.

Até pouco tempo atrás as famílias brasileiras seguiam um modelo patriarcal, principalmente a burguesia agrária ligada à fazenda. Na sociedade do século XVIII, a família era composta por pai (autoritário), mãe e filhos (submissos). Neste período estamos falando até então de uma tradicional família branca dos séculos passados, pois quando os povos negros chegaram aqui, não lhes permitiram construir família.

A participação da mulher e do homem negro em todas as dimensões das “sociedades ocidentais” foi marcada pela submissão aos brancos dominantes. Historicamente os/as negros/as sempre estiveram em condição de seres inferiores, subordinados na estrutura social econômica, tanto no período escravocrata, quanto nos que se seguiram.

Vivemos em um país que se intitula como democrático, mas as práticas exercidas mostram o contrário. Diante das contrariedades existentes entre o discurso e a prática, consideramos necessária uma reflexão sobre o preconceito e a discriminação racial sofridos pela mulher negra no passado e nessa sociedade contemporânea que se diz esclarecida, em um país que prega uma democracia racial que só existe nos discursos prontos e escritos dos livros. Como afirma

Chiavenato (1999) “[...] A democracia racial no Brasil é um mito, nascido da violentação sexual contra os negros escravos e sustentado pela hipocrisia da sociedade (p.53).

Ao longo da história do Brasil, sabemos que a sociedade brasileira coloca as pessoas de pele escura numa condição inferior diante de pessoas que não possuem tal característica. Mesmo depois de cem anos de abolição as pessoas negras não estão livres do preconceito e da discriminação que atravessaram séculos e prevalecem ainda hoje, muitos ainda são marginalizados e a cor negra é sinônima de escravidão.

Fazemos parte de uma sociedade mestiça composta por várias etnias, a questão étnica e racial não deve ser omitida e sim discutida, devemos dialogar a fim eliminar o preconceito existente em todos os espaços podendo assim propor estratégias de resgate da identidade da cultura negra, possibilitando a afirmação da negritude livre de estereótipos preconceituosos. Chiavenato (1999) nos revela que:

A escravidão foi a grande geradora da ideologia brasileira. Dela nasceu uma série de preconceitos. O principal deles -o racismo- não se baseia propriamente na cor da pele, mas no conteúdo da herança dos negros: a classe oprimida que, depois da abolição, alienou-se como força de trabalho. Os preconceitos não ferem só a vítima, penetram através da ideologia e se inserem na própria historiografia, permeando-se também por largas parcelas da sociedade (p.07).

Como vimos, foi a partir do século XV que surgiram aqui preconceitos e concepções reducionistas contra a população negra e infelizmente tais concepções permeiam as práticas sociais ainda hoje.

Buscamos assim, ressaltar o papel da mulher negra que sofreu nesse período como escrava reprodutora, amas de leite, prostitutas, seus reais interesses não eram importantes, ao menos revelados, servia apenas para satisfazer as vontades de seus senhores. Durante muito tempo a mulher foi colocada em posição de subalternidade na sociedade brasileira, principalmente as negras.

Como nos diz Mott (1988):

A resistência da mulher escravizada é tão antiga quanto à de seus companheiros, podendo ser recuperada desde a África (...). Chegando ao 'novo mundo' (...) a resistência da mulher continuou, seja quando tentava amenizar a vida enquanto escrava (...); ou então quando negava-se a qualquer negociação, matando ou morrendo (p.29).

A desigualdade entre homens e mulheres na conjuntura atual que vivemos não se baseia apenas em características físicas e emocionais, mas sim pelos processos históricos e as relações sociais existentes. O fator de dominação existente muitas vezes está relacionado ao sexo, pois se tratado da mulher é sempre vista como o sexo frágil, menos capaz que o homem. Entretanto, as mulheres contemporâneas reivindicam seus direitos com igualdade, passam a ser protagonistas de suas histórias, caminham lado a lado com seus companheiros e não aceitam o posto de sombra que antes lhes era dado.

## **1.2 A Identidade e Seus Conflitos**

Para muitos o conceito de identidade baseia-se apenas nas características físicas que possuímos, porém depois de estudos aprofundados é possível afirmar que identidade é algo além de características físicas que adquirimos ao nascer, é um conjunto de aspectos individuais que caracterizam uma pessoa. A identidade é o cruzamento de algo que temos com algo que adquirimos, não pode ser entendida como algo já predefinido, pois não nascemos com uma identidade pronta, ela é construída de acordo com o ambiente e a cultura que nos envolve.

Sobre isso Tarcia Regina da Silva (2010) nos afirma que:

A identidade refere-se ao modo de ser no mundo e com os outros, consistindo em um fator importante na criação de redes e referências culturais dos grupos sociais. São traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamento alimentares, traduções populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana.

Um dos objetivos principais deste trabalho é fazer uma discussão a cerca da identidade negra de mulheres da comunidade quilombola de Lages dos Negros, por

entendermos que se trata de uma construção social, histórica e cultural de um grupo étnico/racial, refletida a partir das relações das pessoas que pertencem ao mesmo grupo, interferindo na comunidade nos assuntos políticos e culturais.

Não podemos encobrir os conflitos raciais existentes em nosso país afirmando que negros e brancos convivem harmoniosamente, como iguais, pois assim estamos apagando nossas características culturais e assimilando a cultura hegemônica, branca, católica e eurocêntrica. Essa percepção de igualdade nas relações raciais foi desconstruída por Hall (1998):

Não importa quão diferente seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (p.58).

Isso nos faz refletir sobre o mito da democracia racial, percebemos uma tentativa de tornar imperceptíveis as desigualdades raciais e os mecanismos de exclusão que permeiam as relações entre negros e brancos na sociedade brasileira e racista que vivemos. Como salienta Munanga (2004):

O mito da democracia, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originária, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade (p.89).

Explicando essa questão, Anete Abramowicz (2006) afirma que inicialmente apresentamos ser uma sociedade homogênea, um único povo oriundo de um processo de miscigenação e mestiçagem, que formou uma nação singular onde seus indivíduos têm a cultura diversificada, mas na verdade cotidianamente apresentamos uma série de práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas em relação a algumas pessoas principalmente as mulheres, negras afro descendentes.

Atualmente na classificação racial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a coleta de dados é baseada na autodeclaração, onde a pessoa escolhe uma dentro das cinco opções fornecidas (branco, preto, pardo, amarelo e indígena)

devendo marcar a opção que mais se identifica. Esse trabalho do IBGE é baseado na cor da pele, ressaltando que preto é cor e negro é raça.

Sendo assim, a pessoa só pode se identificar em um grupo de cor e de acordo com a ideologia que essa cor representa, é que surge o que chamamos de ideologias racistas (GUIMARÃES, 1999).

Há uma conotação política no termo raça que é utilizado com freqüência nas relações sociais brasileiras, referindo-se a determinadas características físicas como cor da pele, tipo de cabelo, entre outras, acredita-se até que influencia na posição social que o sujeito ocupa na sociedade. Devemos ressaltar que ao utilizar o termo raça neste trabalho, não a mencionamos com a ideia de raças superiores ou inferiores no sentido biológico, como outrora no século XIX era usado. Pelo contrário, usamos esse termo em uma dimensão social, política e cultural produzida no âmbito das relações sociais.

### **1.3 A Força da Militância Política**

Uma constatação óbvia é que no mundo ninguém está só, conseqüentemente estamos convivendo com outros seres humanos, isso significa que devemos (ou pelo menos deveríamos) respeitar uns aos outros não esquecendo o direito que cada um tem de se expressar. Infelizmente há pessoas que por não possuir humildade acaba introjetando no outro suas ideologias como verdade absoluta, colocando o outro numa posição inferior, estabelecendo assim uma relação entre opressor e oprimido (FREIRE, 2000).

Ao fazermos uma análise da história do Brasil e de demais países, temos a impressão de que os povos africanos e seus descendentes participaram dessa história apenas como escravos. Durante muito tempo os escritos que narravam essas histórias não eram claros e coesos suficiente para nos mostrar as diversas formas de participação dos negros nas sociedades e isso fortaleceu ainda mais o preconceito em relação aos negros.

Faz mais de 500 anos que aconteceu a colonização no Brasil, mas o povo brasileiro é marcado ainda hoje pelas ideologias dominantes dos seus opressores - o branco europeu. Numa posição autoritária os colonizadores ditavam verdades absolutas para o povo brasileiro (oprimido), como se fosse incapaz de administrar o próprio país sem a intervenção de nações européias; as opiniões não eram discutidas, pois com autoridade os dominantes exerciam sobre o povo seu poder absoluto, dominando-os, reproduzindo assim a desigualdade social.

Nós brasileiros precisamos combater a marca registrada do autoritarismo, presente desde os primórdios. O Brasil foi constituído a partir de uma política autoritária e continua sendo. O Padre Antônio Vieira, em um sermão durante a guerra contra os holandeses, afirmou que em nenhum milagre Cristo gastou tanto tempo, nem tanto trabalho teve para curar o endemoniado mudo. Referindo-se a grande enfermidade do nosso País: o silêncio que o povo sempre foi submetido. O que Padre Antônio Vieira não salientou é que, em nosso país quem tem sido silenciado, tornando-se mudo é a classe popular, as classes trabalhadoras, essa realidade é fruto do modelo de desenvolvimento que outrora existiu e que na verdade ainda existe, discriminando o pobre e favorecendo a classe dominante, a elite (FREIRE, 2000).

Os sinais da herança escravocrata ainda marcam nossa sociedade, não discutir as questões raciais que nos cercam em nosso país é uma forma de apoiar as humilhações e explorações sofridas, principalmente pelo povo negro, pela burguesia branca elitizada. E assim, cansada da opressão imposta pela classe dominante, foi que a classe popular decidiu romper deliberadamente com a submissão favorecida às autoridades, reunindo-se em grupos formando os movimentos sociais.

Para entender a militância política aqui fundamentada, iremos dialogar primeiramente com alguns teóricos o conceito de movimentos sociais, pois estes são o ponto de apoio das reivindicações, que trás consigo a força da militância política para determinado grupo em nosso trabalho – as mulheres negras.

A militância política na vida social do indivíduo promove uma consciência auto-emancipadora, capaz de despertar nos sujeitos o desejo e impulso de reivindicar pelos seus direitos e não aceitar passivamente as condições que lhes são impostas.

Siqueira nos afirma que: os movimentos sociais agem inicialmente como mediadores no processo de busca de respostas às interrogações suscitadas no cotidiano, projetando-se para uma perspectiva maior do que os problemas da cotidianidade.

Para GOHN (1995, p. 44), os movimentos sociais

São ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Os movimentos sociais são de fato uma ação coletiva que se institucionaliza, é uma forma de organização onde os sujeitos sociais têm interesses particulares em comum. Segundo SCHERER-WARREN (1996, p.49/50) tem emergido “novos” movimentos sociais.

Que almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado (aqui entendido como o campo da política institucional: o governo, dos partidos e dos aparelhos burocráticos de dominação) e sociedade civil (campo da organização social que se realiza a partir das classes sociais ou de todas as outras espécies de agrupamentos sociais fora do Estado enquanto aparelho), bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados.

Depois de estudos, compreendemos que não há uma definição única de movimentos sociais (GOHN, 1997; 1982). Sabe-se que representam o conjunto de ações coletivas voltadas para as reivindicações de melhores condições na vida social, no trabalho e também na construção de valores identitários. Os movimentos sociais possibilitam a transformação das condições econômicas, políticas e sociais.

Neste sentido, este trabalho se propõe a discutir sobre a influência da militância política nas relações identitárias das mulheres negras da Comunidade de Lages dos

Negros, por acreditar que a militância foi/é responsável pelas conquistas e transformações na realidade local da referida comunidade.

## **CAPÍTULO II**

### **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Entendemos a metodologia como um caminho possível para chegar a um determinado horizonte. Todo caminho tem um ponto de partida, uma origem, uma escolha, uma motivação. Temos um caminho incerto a seguir nessa pesquisa, mas com certeza será produtivo, buscaremos aqui responder alguns questionamentos que nos cercam ao longo do nosso percurso acadêmico no curso de pedagogia. Como argumenta Gil (1991):

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (p.19)

Trabalharemos sob a égide da pesquisa etnográfica, onde destacaremos a identidade, a religião, os costumes, a descrição dos povos da comunidade de Lages dos Negros, interpretando o discurso, as histórias de vida dos sujeitos.

A metodologia de pesquisa é completamente interessada nos processos que buscam, simplesmente, mudar o mundo. Indagando os processos permanentes produzidos nas relações sociais para ofuscar e ocultar as múltiplas dimensões da realidade e do ser humano, a pesquisa amplifica as possibilidades de interpretação e compreensão do cotidiano e vai encontrando meios para melhor compreender a complexidade humana (GARCIA, 2003, p.128).

Iremos utilizar a abordagem qualitativa da história oral, primeiramente com o intuito de revelar como se deu o processo de constituição da escola pública de Lages dos Negros, em segundo lugar para destacar as vivências individuais e as manifestações identitárias das depoentes.

#### **2.1 Tipo de pesquisa**

Este trabalho é dentro de uma abordagem qualitativa, pois permite relação com o local de pesquisa e também com os sujeitos envolvidos, nos possibilitando contato e troca de informações, segundo Ludke e André (1986): “a pesquisa qualitativa

envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada". (p.13)

Diante disso, percebemos como a pesquisa qualitativa está relacionada com os sujeitos, obtendo dados descritivos, resultado com contato direto do pesquisador com os sujeitos.

Sobre isso Minayo (1994) vem nos dizer:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalizações de variáveis (p.22).

A pesquisa qualitativa é de fundamental relevância para o desenvolvimento de uma pesquisa, o ato de aproximar pesquisador e sujeito facilita na obtenção dos dados, possibilitando um excelente resultado para a pesquisa.

## **2.2 Lócus da pesquisa**

O ambiente escolhido representa um lugar adequado para o desenvolvimento desta pesquisa, pois se trata de uma Comunidade Quilombola chamada de Lages dos Negros, Distrito localizado a 100 km da sede, centro de Campo Formoso/BA. Este nos possibilitará uma ampla exploração cultural a cerca da identidade da mulher negra na contemporaneidade.

Buscamos atuar com ética de forma crítica e investigativa a fim de desvendar as inquietações que nos levou a pesquisar a temática deste trabalho.

## **2.3 Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos de pesquisa foram 3 (três) mulheres, líderes comunitárias, pedagogas, residentes na comunidade de Lages dos Negros. Vale ressaltar que a disponibilidade

e a contribuição das depoentes para responder as questões levantadas, nos permitiu analisar os dados que apresentaremos em seguida na análise de dados.

A escolha de tais sujeitos se deu por conta de pertencerem a uma comunidade quilombola e serem mulheres negras fortes, atuantes no cenário político, que reivindicam seus direitos e cumprem na medida do possível seus deveres, a partir das entrevistadas desejamos compreender como as identidades dialogam em relação aos interesses coletivos.

## **2.4 Instrumentos de coletas de dados**

Como instrumentos de investigação selecionamos a observação participante, que busca contextualizar a participação direta entre o pesquisador e os sujeitos, faremos também a entrevista semi-estruturada e relatar a história oral a fim de documentar vozes que antes eram ocultas e a partir dessa pesquisa tornar-se-ão referência de luta, reconhecimento e respeito.

### **2.4.1 Observação participante**

Dentro das abordagens qualitativas a observação participante é um fator muito importante. A utilização desse instrumento permite um contato mais próximo entre sujeito e o pesquisador, apresenta também algumas vantagens, a exemplo disso temos a verificação direta dos fatos, sem a interferência de terceiros, sobre isso Ludke e André (1986) afirma que:

...a observação ocupa um lugar de pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens (p.26).

A observação participante é um procedimento relevante para a pesquisa, através dela é que se inicia toda a inquietação e possível resolução do problema. Para isso, é necessário objetividade, deve ser exata, completa, sucessiva e metódica (BARROS, 2000).

A observação participante nos possibilita um contato direto e pessoal com os sujeitos, tornando a pesquisa objetiva, clara, concisa, dando credibilidade ao resultado da pesquisa.

Os valores familiares são preservados ainda hoje na comunidade de Lages dos Negros buscando conhecer melhor a história dessa comunidade atípica da zona rural, fomos na comunidade a princípio para conhecer o local no dia 19 a 20 de novembro de 2011, acontecia o I Fórum de Discussão sobre Políticas Quilombolas e Resgate Identitário, o evento estava sendo realizado desde o dia 18 de novembro de 2011, o referido projeto tinha como característica a interdisciplinaridade contemplando a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e foi desenvolvido na comunidade de Lages dos Negros contando com a colaboração das regiões quilombolas circunvizinhas.

Neste fórum tivemos a oportunidade de conhecer a comunidade e por em prática um dos instrumentos para a coleta de dados desta pesquisa que foi a observação participante, interagindo nos grupos de discussões e rodas de conversas, pois até então fazíamos reflexões críticas buscando fundamentos teóricos para complementar a pesquisa. Algum tempo depois voltamos na comunidade quilombola e desta vez tivemos a oportunidade de entrevistar aquelas que seriam nossos sujeitos de pesquisa, três mulheres lajeanas, fortes, guerreiras, pedagogas e militantes políticas.

#### **2.4.2 Entrevista semi-estruturada**

Buscando responder as inquietações que nos envolvem em torno dessa pesquisa, por meio da entrevista semi-estruturada, podemos obter algumas respostas exercitando a escuta, são informações relevantes para a pesquisa, como afirmam Ludke e André (1986): “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (p.34).

Temos a oportunidade de maior aproximação com os sujeitos, através de suas opiniões é possível desmistificar a ideia de senso comum mesmo morando na mesma comunidade negra e quilombola as pessoas tem opiniões diferentes a respeito das questões pesquisadas como negritude, gênero, identidade e militância política, a entrevista semi-estruturada nos possibilita desvendar as concepções ideológicas dos indivíduos construídas no âmbito social em que vivem. Segundo Macedo (2004):

Poderoso recurso para captar representações, na entrevista os sentidos construídos pelos sujeitos assumem para o etnopesquisador o caráter da própria realidade, só que do ponto de vista de quem a descreve. A linguagem aqui é um fator de mediação para a apreensão da realidade, e não se restringe apenas à noção de verbalização. Há toda uma gama de gestos e expressões densas de conteúdos indexais importantes para a compreensão das práticas cotidianas (p.164).

Escolhemos a entrevista semi-estruturada por nos proporcionar uma maior interação com os sujeitos, nos possibilitando um dialogo recíproco, como enfatiza Lakatos (2005) “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (p.199). Acreditamos assim esclarecer com maior facilidade as questões a serem problematizadas.

### **2.4.3 História Oral**

É buscando o desvelamento de experiências guardadas nas memórias de três mulheres líderes comunitárias, remanescentes de quilombos que pretendemos compreender a história (social, cultural, política, educacional) do povo lajeano, é uma forma de documentar as vozes que outrora estavam ocultas e agora despertaram para construção de uma sociedade que por muitas vezes foi reprimida e estigmatizada.

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vidas e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade (ALBERTI, 2008, p. 164).

A história oral é um recurso pertinente a etnopesquisa, pois valoriza a concepção e enfatiza a perspectiva do sujeito em relação à conjuntura social a qual pertence. Os relatos da história das depoentes narrados de forma livre e autônoma aos poucos se

revelam uma única história com início, meio e não o fim, mas segue em processo de continuação.

O que é capturado pela história oral é, raramente, um estudo exaustivo de todos os dados relevantes, mas, ao contrário, um segmento da experiência humana, no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro desconhecido e aberto. Depoimento pessoal e memória são, assim, os ingredientes irremediáveis da história oral (MACEDO, 2004, p. 174).

A partir do momento que historicizamos os fatos, passamos a entender melhor a comunidade de Lages dos Negros, e conseqüentemente a angústia das depoentes em relação às reivindicações, protestos e lutas para conquistar um bem tão necessário como uma escola para a comunidade.

Portanto esse instrumento de pesquisa não se baseia apenas em externalizar a oralidade de uma narração, mas sim busca através deste trabalho entender como aconteceu o processo de constituição da escola pública de Lages dos Negros, ressaltando a importância e presença feminina para essa conquista.

#### **2.4.4 As fontes**

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram divididas em duas partes: As fontes escritas, que são obras de autores que fundamentaram teoricamente nosso trabalho e as fontes orais, que são os relatos das depoentes que deram voz a esta pesquisa.

##### **2.4.4.1 Fontes escritas**

As fontes escritas foram o elemento complementar para a construção do nosso trabalho, utilizamos livros e artigos que alargaram nosso conhecimento em relação à temática pesquisada e contribuíram para discussão crítica e reflexiva.

Albornoz (1985) - Nos faz refletir sobre o longo percurso das discussões de gênero, a invisibilidade em torno das mulheres consideradas, como seres frágeis e menos capazes.

Chiavenato (1999) – Relata em uma de suas obras as condições sociais do negro no Brasil da senzala a abolição, faz uma reflexão crítica em torno do preconceito e da desigualdade sofrida pelos povos negros.

Gohn (2004) – A socióloga apresenta em sua obra a importância dos movimentos sociais como fator transformador da conjuntura social na qual está inseridos a classe menos favorecida, ressaltando também a identidade política dos grupos. Suas reflexões a cerca dos movimentos sociais nos instigou a discutir sobre o poder da militância política existente nas relações sociais.

Hall (1998) – Vem nos trazer uma nova percepção de igualdade nas relações, sejam elas de classe, gênero, raça, cultura, o autor busca unificar a identidade cultural, para compreendermos que fazemos parte de uma família nacional, não importa quão diferente somos.

Louro (1997) As discussões de gênero da autora nos faz perceber que as diferenças vão muito além de distinções biológicas, características sexuais e denominações de feminino ou masculino, o conceito de gênero discutido por Guacira Louro neste trabalho trata das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conquistar espaços que são negados ao gênero feminino por machismo e intolerância.

Silva (2005) - Salieta a importância da implementação da lei 10.639/03 nos currículos da educação básica, essa discussão foi pertinente para o nosso trabalho, pois o locus da pesquisa trata-se de uma comunidade quilombola.

Silva (2010) – Dialoga sobre o conceito de identidade, alargando as discussões para algo muito mais além de características físicas.

Muitos foram os (as) autores (as) que contribuíram teoricamente na elaboração da nossa pesquisa, traçaremos em seguida o perfil das fontes orais da pesquisa, buscando assim, conhecer as particularidades de cada uma.

#### 2.4.4.2 Fontes Orais

As fontes orais desta pesquisa tratam-se de três mulheres lajeanas, negras, militantes políticas, pedagogas, a primeira entrevistada foi Angélica Pinto de Carvalho, graduada em Teologia e Pedagogia, fez especialização em Psicopedagogia é professora de educação infantil aposentada, sua meiguice vai de encontro com a sua força, pois apesar da idade avançada tem disposição suficiente para reivindicar pelos seus direitos, evangélica da Igreja Assembléia de Deus, faz pregações que desenvolve um papel de conscientização nas pessoas, levando-as a refletir criticamente no cotidiano sobre assuntos diversos como política, religião, saúde pública, dentre outros.

A segunda entrevistada foi Hilda Costa Araujo, graduada em Pedagogia com especialização em História da África e Cultura Afro-Brasileira, atualmente trabalha como educadora social no PET (Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil). É uma mulher negra, forte, decidida e capaz, traz consigo uma personalidade singular, própria da mulher negra quilombola sua capacidade crítica e reflexiva para reivindicar é inigualável. Hilda é nascida e criada dentro do processo da teologia da libertação, isso fez com que sua consciência crítica fosse aguçada desde criança para o protesto e a reivindicação, sua indignação é visível nos olhos quando fala de política, pois busca a passos lentos a autonomia política tão almejada para a comunidade de Lages dos Negros.

A terceira entrevistada foi Joelina Celestino Barbosa, uma mulher negra que vai a luta para conquistar seus objetivos, graduada em Pedagogia e também em Teologia, especialista em Psicopedagogia, e atualmente faz mestrado na área de Ciência da Educação, uma das características fortes de Joelina é o gosto pela política, atualmente é candidata a vereadora da comunidade de Lages dos Negros. É uma mulher destemida, pois diante de todas as dificuldades que passou na infância para poder estudar nunca desistiu, simplesmente retribuiu a comunidade tudo aquilo que aprendeu, trabalhando como professora por longos anos, hoje segue reivindicando e buscando a cada dia maiores conquistas para a comunidade.

### **CAPÍTULO III**

## **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Neste capítulo apresentaremos o resultado da pesquisa que teve como principal objetivo: Analisar relações identitárias constituintes da militância de líderes comunitárias de Lages dos Negros na constituição da escola pública. Sendo assim, ressaltamos que a análise e interpretação dos dados tiveram como fonte: a observação participante, entrevista semi-estruturada e história oral.

Analisar a postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afro-brasileira nos faz pensar sobre a necessidade de políticas quilombolas que revertam esse quadro atual. Trata-se de um olhar específico, debruçado sobre um horizonte relativamente esquecido por aqueles que assumem cargos que lhes dão poder – para transformarem a realidade local se assim desejarem.

### **3.1 Lages dos Negros: como tudo começou**

A comunidade quilombola de Lages dos Negros integra a cidade de Campo Formoso, se localizando a 100 quilômetros da sede. Um distrito que fica localizado na faixa subequatorial, entre a Floresta Amazônica e a Floresta Atlântica. O município de Campo Formoso conta com 66.616 habitantes. Tendo Laje dos Negros mais de 4 mil habitantes, tem um clima quente, típico de semi-árido ficando entre 27º C e 29º C (<http://lagedosnegros.zip.net/conheca-nos.html>).

Lages dos Negros está situada na região do semi-árido, encontra-se geograficamente em uma área de seca, onde a deficiência de água é visível em todo o caminho percorrido até a comunidade, na estrada de chão e muita poeira observamos uma paisagem seca, com o gado maltratado, porém a beleza da fauna e flora é singular. Não há recursos hídricos que compensem a seca e isso faz com que muitos lajeanos migrem para a cidade grande em busca de condições melhores. Sobreviver em Lages dos Negros não é fácil, acreditamos que o que torna acessível essa sobrevivência é à força do povo lajeano que resiste às dificuldades assim como seus antepassados africanos, começamos agora a narrar à história da comunidade

através do olhar de cada uma das depoentes, descortinando as janelas de suas memórias. Vejamos a fala de Hilda:

*A própria sobrevivência aqui é muito difícil, principalmente agora nós estamos a dois anos que não chove, de seca, aonde as pessoas tiram o sustento da terra de vez em quando vem água da chuva, não tá tendo, a gente tá olhando assim pra família toda saindo esse é o maior desafio num projeto de sustentabilidade, mas não é sustentabilidade pro futuro não, é sustentabilidade pra sustentar a pessoa na sua própria terra, esse é o maior desafio. Eu tô aqui com meu irmão, meu sobrinhos, meu irmão tem dez filhos, e o outro veio agora de São Paulo, e uns estão com a mala arrumada pra ir agora pra São Paulo pra trabalhar nos laranjais lá, então isso é desafiante demais... Demais mesmo você sabe, saber que você tem a roça, saber que você tem as pessoas e que as pessoas tem a roça, saí daqui pra trabalhar nas roças dos outros então é muito desafiante.*

Mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas hoje em Lages dos Negros, sabemos que outrora foi muito pior, quando não havia energia elétrica, escola, água encanada as pessoas ficavam a mercê da própria sorte. Lages dos Negros é uma comunidade fascinante, com um povo hospitaleiro, acredita-se que tem uma consciência politizada, pois sabe a necessidade de reivindicar pelos seus direitos, mas vale ressaltar que as divergências partidárias locais interferem na militância quilombola, motivo pelo qual em vários momentos observam-se discursos contraditórios quando uma identidade conflitua com outra, pois normalmente para afirmar a nossa identidade buscamos lembranças no nosso passado, e contamos a história como nos foi passada. Esse é o momento em que algumas identidades se sobre saem em relação às outras.

A história da comunidade quilombola de Lages dos Negros começa na origem do nome da comunidade, este tem duas versões que são narradas pelos moradores da própria comunidade de acordo com os ensinamentos passados de geração a geração. Vejamos a versão da história segundo a depoente Angélica:

*[...] ela foi fundada pelo um senhor chamado Luizinho (pausa)... e cujo Luizinho ele era escravo, é... da família Barros, num lugar por nome escurrial, quando... Ah!*

*Devido ao seu (pausa) modo de trabalhar ele foi alforriado, antes dos primeiros escravos e ele veio para Lages já com o senhor Pedro Lages e aqui eles tiveram (pausa) essa história temo ela escrita, mas de cor assim no momento a gente não... continuar tudo, mas ai criou-se a Lages dos Negros e ao longo dos anos ela vem se arrastando passado por um processo difícil.*

Pelo que percebemos de acordo com Angélica a comunidade tem este nome por causa de Pedro Lages, é uma homenagem feita a ele que foi o precursor do local chegando primeiro e em seguida construindo família e residência fixa. Agora vamos observar a fala de Joelina que também foi questionada sobre a origem da comunidade e do precursor ou quem sabe fundadores:

*[...] Porque fui professora de história eu queria conhecer a nossa história, os primeiros moradores, os primeiros habitantes de Lages dos Negros foi Luizinho e Francisco de Sales, Luizinho é dali de Bananeira de Santa Efigênia, Antonio Gonçalves e o Francisco de Sales era do Salitre, o nome dele, ele adquiriu Sales porque trabalhava numa fábrica de sal e construiu pólvora no salitre e ai chamavam ele de Francisco de Sales então foram esses dois escravos, eles na época eram escravos quase alforriados, eles conseguiram um dinheiro e compraram uma posse de terra que é do riacho do inferno ao sumidouro então isso aqui era uma posse de terra documentada com escritura eles compraram de um fazendeiro de Feira de Santana, chamado Valter Felix de Menezes e consegui esse documento no fórum de Jacobina, porque antigamente Campo Formoso o fórum era em Jacobina né?! E nós conseguimos em Jacobina esse documento [...] Era do Valter e ele vendeu para o Luizinho e Francisco de Sales porque ele trabalhava com o Nizito e Fagundes de Barros ali no escurial, na fazenda escurial, que é estavam esses portugueses lá eles tinham os escravos lá eles tinham um curral de pedra, que até hoje ainda tem e eles moravam lá o Nizito Fagundes de Barros eles tinham muitos escravos um deles era o Luizinho.*

*E quando ele veio aqui para o escurial, o Nizito, nem Fagundes de Barros ele não queria que o filho dele fosse criado com os filhos de escravos então eles opinaram que eles comprassem uma posse de terra para poder morar separados deles. Eles só trabalhavam com eles, o Luizinho... Morava aqui em Lages e o Francisco de*

*Sales em Alagadiço e até hoje se você chegar lá você chega numa África eles nunca se misturaram.*

Portanto, são notáveis algumas diferenças e semelhanças entre o relato de Angélica e Joelina, a segunda afirmou que, como já foi professora de história, buscou conhecer as raízes de sua comunidade e assim, chegou a esta conclusão a respeito da fundação de Lages dos Negros, agora vamos perceber o conhecimento de Hilda em relação ao assunto:

*Nossas avós e nossos antepassados contam que até onde eu pude conversar com eles, que tudo começou de uma pessoa né?! O nome dele é Luiz José dos Santos... Conhecido como Luizinho a gente não sabe e também não tem como saber se ele veio diretamente da África aqui pro Brasil ou se ele nasceu aqui no Brasil, ainda na metade do século XIX, e o que a gente sabe foi ele Luiz que veio pra cá [...] Tem duas versões a 1ª versão é que quando Luiz veio pra cá, trazido pelo fazendeiro ele saiu da Bananeira dos Pretos, Pedro Lages, a 1ª versão é que o nome Lages tinha sido dado retribuindo o pai da moça que ele se uniu [...] Uma homenagem né?! Ao pai dela a Maria filha de Pedro Lages, essa é a 1ª versão que eles sempre nos contaram, daí pra cá as pessoas foram criando outras versões, porque aqui é cercada de lajedos, a gente acredita que Lages vêm de lajedo e agora esse impasse, a gente considera a Lages pra nós a Lages do Luiz, a Lages mesmo que foi do sobrenome, mas tem pessoas também que falam hoje que é por causa do lajedo.*

Como percebemos as depoentes mesmo convivendo no mesmo lugar cada uma tem sua versão dos fatos, e dessa maneira percebemos como as identidades dialogam entre si, as pessoas não são homogêneas. Não sabemos ao certo qual a verdadeira história de Lages dos Negros, mas acreditamos em um pedacinho de todas elas.

### **3.2 O despertar das vozes silenciadas**

A busca incessante por direitos iguais dos remanescentes de quilombos da comunidade de Lages dos Negros pode ser comparada a luta dos negros

escravizados que ao serem libertos, buscavam os mesmos direitos e oportunidades que os brancos, pois ainda hoje os negros percorrem um longo e árduo caminho para igualdade e acesso dos mesmos setores sociais. Munanga e Gomes (2006) salientam que: “No Brasil, os grupos empobrecidos e descendentes de escravizados, apesar da abolição da escravatura e da proclamação da República continuaram a viver em completa e violenta desigualdade” (p.107).

Há muitos anos atrás, a educação em Lages dos Negros como em toda comunidade rural e quilombola, foi muito difícil não havia escolas e só aprendia a ler aqueles que os pais podiam pagar um/a professor/a particular, tendo em vista que o acesso a escola só era possível na sede do Município ou em povoados mais próximos da sede. Confirmando o nosso pensamento temos a fala de Angélica que nos narra como foi a sua educação na infância:

*[...] para que os filhos dele aprendesse a ler ele (se referindo ao seu pai) tinha que contratar um professor, colocar em casa e dava aula o dia inteiro, tanto os filhos dele quanto os dos vizinhos. E assim continuou muitos anos nessa prática, nesse desafio, foi quando Doralice Andrade (Dorinha) assumiu a responsabilidade de vim ensinar em Lages dos Negros é... ainda solteira, casando-se com um moço da família Barros de Ferreira da Silva, parece que era Silva e ela abraçou a causa da educação dando aula seriada, muitas em ar livre [...] É embaixo das árvores cada aluno tinha que trazer uma cadeirinha, um banquinho na cabeça pra sentar porque não tinha nenhum apoio das autoridades.*

*Então ali se deu o começo da educação aqui em Lages, a passos lentos, mas passos lentos esse que ele não parou [...] então ai deu prosseguimento a educação aqui na Lages, próprios filhos da Lages como professora Joelina também começou muito cedo eu Angélica Pinto de Carvalho que sou a mesma que falo é... Apoiei, abracei a educação aqui, eu tive um privilégio de ter quatrocentas crianças de creche.*

Antigamente para lecionar não era preciso ter ensino superior, bastava ter a 4ª série e já podia trabalhar como docente, ensinando aos outros o básico na educação: ler, escrever e contar. Durante muito tempo, essa profissão foi dominada apenas pelo

gênero feminino, e ainda hoje temos um percentual favorável para as mulheres. Dando continuidade às nossas discussões, agora veremos as contribuições de Joelina para a educação na comunidade quilombola de Lages dos Negros:

*A minha contribuição foi sendo professora, fui professora ainda adolescente que na época há 38 a 40 anos atrás quem tinha a 4° série podia ser professora né?! Como a dificuldade de professor pra vim da cidade pra aqui era muito grande, então eu tinha um sonho, meu avô ele pagou professores particulares pra ensinar os filhos e eu fui criada com meu avô, fui estudar com 5 anos porque o sonho era eu ser professora então eu cresci com esta coisa dentro de mim eu queria ser professora eu queria contribuir, com a educação na minha comunidade, então aos 17 ou 16 anos eu foi convidada pelo representante aqui de Lages dos Negros, um já faleceu, mas outro ainda é vivo seu Joaquim Sebastião e o outro era seu Agdo Amâncio, pra ser professora, ensinar ali no povoado de Casa Nova pra mim foi uma das grandes conquistas porque naquela época mulher não podia sair de casa, então eu repeti a 4° série quatro vezes, chorava querendo estudar na cidade mas minha avó dizia assim: mulher não sai de casa então eu me contentava só em estudar repetir, repetir, pra mim foi a maior vitória quando eles chegaram em casa conversando com minha avó, pra ver se ela permitia que eu fosse ser professora numa comunidade chamada Casa Nova dos Amâncio.*

Como salientamos acima, não foi fácil introduzir a educação na comunidade quilombola de Lages dos Negros, desde sempre houve negligência política para promover a constituição de uma escola pública na comunidade. Desse modo, cansados da falta de recursos e do descaso em relação às necessidades da comunidade foi que um grupo de pessoas lideradas por mulheres negras, fortes e decididas, criaram um movimento para reivindicar seus direitos, sendo assim, as vezes que durante tanto tempo foram silenciadas começaram a denunciar suas inquietações. Vejamos o relato de Joelina:

*[...] Nós fundamos uma organização chamada Central das Associações Comunitárias Quilombolas, porque eu entendo que só a educação que dá a liberdade ao homem de fato, e a região de Lages dos Negros nós somos assim muito sofrido pelo abandono social em todos os aspectos e principalmente na área*

*da educação né?! Então eu não aceitava aquela situação eu fui uma professora que nunca aceitei a situação, fazia baixo assinado, juntava com as colegas, marcava audiência com o prefeito, juntava com as colegas a gente não aceitava essa situação que a escola pública municipal vivia né?!*

*Eu creio que eu tenho minha boa parcela de contribuição porque nós tivemos uma boa parcela quando professor não era assalariado com o salário mínimo né?! Juntamos aqui um grupo e fizemos, não um protesto fizemos um documento, e tentativas na época era o Dr. Santana, conversar com ele, como ele não era muito de conversa com as pessoas pra cobrar na época era a Estela que era a secretária de educação, nos perseguiu bastante com essa questão da gente se reunir e ameaçar os professores dizendo que se não desistisse disso ia ter várias perdas, conseguiu convencer os outros professores, mas quando chegaram aqui em casa não conseguiram trouxeram até a polícia, pra mim era uma forma de ameaça né?*

*Ai ficou no propósito só eu e uma moça chamada Eloene que ela hoje mora na Lages do Batata era professora na época também e ele marcou uma audiência com a gente, suspendeu até nosso pagamento quase por 30 dias e como eu não tinha condição na época de colocar um advogado, nós tivemos a coragem de conversar com ele quem ele tinha convocado e nesse dia Deus nos deu graça perante e nós saímos de lá vitoriosos, porque foi a primeira vez que um professor, passou a ganhar salário mínimo, então nós conseguimos o professor ter talão de cheque, conta no Banco, naquela época era o Banco do Baneb [...] Pra mim foi uma grande conquista, que o professor tivesse salário mínimo, conseguimos que cada professor, conseguiu abrir uma conta no Banco Econômico para mim foi uma das grandes conquistas porque naquela época pra discutir educação com um povo que não era acostumado a conversar, não foi muito fácil né?!*

Analisar as conquistas obtidas através dos movimentos sociais nos leva a um permanente olhar sobre a militância política, a busca pela concretização dos direitos humanos, antes negados a classe popular agora conquistado através de lutas democráticas pela emancipação.

Durante muito tempo a comunidade quilombola de Lages dos Negros buscou emancipar-se da cidade de Campo Formoso, uma das conquistas mais almeçadas era uma escola pública construída dentro da comunidade, viabilizando o acesso dos remanescentes quilombolas, pois estes muitas vezes abandonavam a escola por não possuir recursos financeiros para se deslocarem para Campo Formoso e até mesmo Juazeiro. Foi pensando nisso que surgiu a ideia de unir forças para reivindicar e buscar nos meios legais a constituição de uma escola pública local.

Sobre isso Arroyo afirma nosso pensamento quando diz:

A partir daí a escola vai deixando de ser vista como uma dádiva da política clientelística e vai sendo exigida como um direito vai se dando um processo de reeducação da velha cultura política, vai mudando a velha auto-imagem que os próprios setores populares carregam como clientes agraciados pelos políticos e governantes. Nessa reeducação da cultura política tem tido um papel pedagógico relevante os movimentos sociais, tão diversos e persistentes na América Latina (p.30).

Alguns membros da comunidade lajeana organizaram-se em um movimento social, com base na teologia da libertação, pois sabiam que era preciso emancipar-se da submissão imposta pelos governantes, e reunidos nas rodas de violão e cachaça tendo na frente cidadãs negras, fortes, lajeanas, decididas a boicotar as eleições no ano de 1991, a fim de conseguirem seu objetivo. Confirmando a nossa fala temos o relato de Hilda:

*A gente tinha metas, mas quais eram as nossas metas? Era conseguir algo de coletivo que viesse para atender a comunidade entre elas a escola, energia... ai a idéia foi muito mais ousada nos comprometemos de boicotar as eleições aqui, porque as pessoas só vinham aqui de quatro em quatro anos pra votar.*

A ideia de boicotar as eleições inicialmente não precisou ser consumada, pois com medo de represálias, os governantes atenderam aos/as filiados/as do movimento logo nas primeiras reuniões. Os membros não tiveram o apoio de toda a comunidade, mas isso não foi empecilho para continuar reivindicando. Hilda ainda relata que:

*Não conseguimos porque eles não deixaram, nas primeiras reuniões eles vieram nos atender, então, nós planejamos bloquear as estradas, nos íamos fechar todas as estradas pra ninguém votar porque aqui o colégio eleitoral é enorme, se a gente bloqueasse as quatro estradas jamais entraria uma urna né?! Nosso plano era boicotar as eleições mesmo.*

Para alguém terminar os estudos e dar prosseguimento a uma carreira no nível superior era preciso sair de Lages dos Negros, como já citamos antes, tinha que se deslocar para as cidades circunvizinhas e mesmo assim, as famílias que possuíam recursos financeiros para enviarem seus filhos para tais cidades, enfrentavam as dificuldades geográficas do local, pois Lages dos Negros situa-se em um lugar de difícil acesso, uma típica comunidade nordestina, sertaneja, onde podemos perceber a beleza da fauna e flora da caatinga, sua estrada de chão inviabiliza muitas vezes a rápida deslocção entre a comunidade e a cidade sede que é Campo Formoso. Vejamos o que nos diz Hilda sobre isso:

*Quem queria estudar fora tinha que ir embora com tudo como eu fiz, tinha que ir morar fora não tinha esse privilégio de ônibus não, foi daí que surgiu a idéia da escola; logo, logo apareceu deputado, apareceu prefeito, abafa o caso no outro dia eles chegaram aqui, chegaram com uma ambulância e a energia se eles não se comprometessem de chegar até setembro não ia ter nem mais um voto daqui, e o colégio imediatamente começou na outra semana começou, então foi menos de seis meses e o colégio começou é tanto que a inauguração dele é no mês de junho, porque eles edificaram mais não tinha professor e ai pra falar a verdade se não tem professor não tem escola.*

Atualmente continua difícil, porém, mais acessível que outrora, onde os estudantes precisavam viajar em cima de caminhão pau de arara para as cidades ou povoados vizinhos, em busca de uma oportunidade diferente de seus genitores. Sobre isso Joelina fala de sua experiência:

*Naquela época faculdade era muito difícil, aqui pra nossa região, mas como eu tinha aquele sonho de contribuir com a educação, é quando surgiu essa faculdade a distância que poderia você fazer na sala de aula e a distância também eu abracei*

*essa causa né?! Eu fui fazer pedagogia surgiu um curso, surgiu uma turma lá no Ângulo em Juazeiro e eu fui pra Juazeiro foi muito difícil eu tinha que ir por Campo Formoso e na volta no sábado tinha que vim em cima de caminhão chegava aqui no domingo [...] Caminhão da feira, então essa foi uma das minhas grandes conquistas me tornar uma professora de fato e eu dei continuidade, comecei a fazer pedagogia, psicopedagoga, fiz bacharel em teologia, e eu estou terminando o mestrado, e hoje eu sou mestranda em Ciência da Educação, e por contribuir com a escola pública tanto ensinando quanto trazendo cursos que melhorasse a qualidade de vida do povo aqui de Lages[...]*

Contudo essa realidade precisava mudar, a comunidade de Lages dos Negros é grande o suficiente para possuir uma escola pública local, decidiu-se então continuar os protestos na tentativa de conseguir o maior objetivo que era a escola e assim continuaram as reivindicações até que chegou o grande dia, Hilda relata:

*Se não tem professor não tem escola, nosso plano continuou de pé, e ninguém ia fazer nada e em outubro era eleição quando foi dia 2 de junho ai começou a funcionar a escola, ai eles vieram aqui, conversou ai quando foi dia 18 de junho foi a inauguração da escola, e ai começou a funcionar até hoje.*

A comunidade quilombola de Lages dos Negros mostrou que é preciso despertar a consciência crítica para não ficar nas mãos daqueles que estão no poder, pois a massa unida pode sim conquistar os bens coletivos para a comunidade, os movimentos sociais tiveram uma grande influência nesta conquista, com organização e responsabilidade foi possível dar voz aos silenciados que caminha rumo à emancipação.

A militância política das três depoentes que citamos acima, Angélica, Joelina e Hilda foi de suma importância para a constituição da escola pública Rosalvo Luis Celestino, inaugurada no dia 18 de junho de 1992, primeiro colégio da comunidade de Lages dos Negros, a escola trabalha com educação infantil e fundamental I e II, a partir daí a comunidade teve outras conquista como a extensão do Colégio Luzia de Freitas que trabalha com o ensino médio, e no mesmo lugar funciona a extensão da Faculdade Augusto Galvão com o curso de pedagogia. As três depoentes são filhas

da comunidade quilombola Lages dos Negros, pedagogas, mulheres fortes, quilombolas, sertanejas, negras na pele e na essência, compartilham do mesmo desejo que é trazer o progresso e a autonomia política a comunidade de Lages dos Negros.

### **3.3 A mulher negra como protagonista de sua história**

Ao longo da história a sensibilidade, beleza e delicadeza são atributos femininos que serviram para criar uma imagem de sexo frágil, isso aparece culturalmente introjetados na sociedade como algo tão natural que já faz parte da natureza humana, a mulher é vista como menos capaz que os homens para organizar e administrar cargos que a eles são direcionados sem discussão. A sociedade na qual estamos inseridos exclui o gênero feminino de muitas atividades que não há necessidade de distinção de sexo. Vale ressaltar que a situação da mulher negra é diferente da mulher branca, pois a negra é estigmatizada e sofre preconceito duas vezes mais, por ser mulher e por ser negra.

Rufino (2003) salienta que:

Enquanto as mulheres brancas estão rompendo estereótipos e atingem números significativos em áreas antes restritas aos homens, as mulheres negras ainda têm que lutar para ter acesso a funções como secretárias ou recepcionistas, ocupações tidas como “femininas”, mas que podem ser melhor descritas como “femininas e brancas” (p.134).

A restrição ao trabalho feminino permeia por muitos setores e a situação se agrava muito mais quando falamos de mulheres negras. Como afirma Munanga e Gomes (2006):

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista (p.133).

Em visita a comunidade quilombola de Lages dos Negros buscou-se saber das entrevistadas como se dá a relação das mulheres naquela comunidade, tendo em vista que as comunidades rurais ainda preservam os valores patriarcais, onde o

homem é o chefe e senhor e a mulher apenas obedece as suas ordens, em relação a isso Angélica relata que:

*[...] falando assim na parte machista sempre existiu vai existir continuamente, mas nós vimos hoje que houve uma abertura nessa parte inclusive falando de Dilma Russeff, nos vimos hoje à mulher deu um pulo muito grande e nós não vamos baixar a cabeça mesmo sabendo que em primeiro lugar Deus fez o homem, mas a mulher sempre a companheira que está do lado em todos os momentos e tem momento que o homem tá ali pra compor, mas tem a mulher que tem cabeça além, não tô com isso desmerecendo, mas tem mulher que tem cabeça a valer, então falamos “nós” incluindo vocês corajosas, que estão aqui fazendo este trabalho e dificilmente aparece um homem.*

Evidenciamos na fala da depoente Angélica que atualmente a mulher está buscando emancipar-se da submissão imposta pelos homens, provando que são seres pensantes e capazes de desempenhar o mesmo papel que outrora foi designado apenas aos homens, ainda há um desrespeito muito grande com a classe feminina, temos uma precariedade de políticas que nos favoreçam e precisamos reivindicar sempre pelos nossos direitos, mesmo que os avanços aconteçam a passos lentos. Vejamos a opinião de Joelina:

*Eu vejo essa questão de forma desrespeitosa até porque até hoje diante das conquistas da mulher negra, diante dos investimentos das ações do Governo Federal e do Governo Estadual né?! O reconhecimento esse trabalho de reparação, mas nós que moramos ainda na zona rural aonde o conhecimento ainda é muito pouco das pessoas, ainda continua a mesma exclusão com a mulher negra. É um desafio muito grande é trabalhar na sociedade que nós vivemos ainda é... Os homens principalmente eles não lhe vêem como uma pessoa capaz.*

*Talvez se fosse uma mulher de cor era diferente, mas uma mulher negra eles não lhe vê como uma pessoa capaz, não lhe vê com quaisquer condições de assumir posto de relevância, eles não lhe vêem como você é capaz de assumir qualquer trabalho com autoridade, como autoridade, eu vejo um trabalho muito grande para se ter ainda na maneira de conscientização e principalmente dos homens.*

A mulher negra remanescente de quilombo traz consigo uma força natural de resistir as mais diversas dificuldades, não pode ter medo de reivindicar de deixar aflorar o poder da sua militância, na comunidade de Lages dos Negros, temos uma situação atípica das outras comunidades rurais que ainda preservam os valores patriarcais, pois as mulheres lajeanas são cidadãs fortes e com iniciativa, sua presença nos espaços de luta política é relativamente superior aos homens. Sobre isso a entrevistada Joelina nos fala que:

*Lages dos Negros aqui é uma comunidade remanescente de quilombo onde as mulheres têm grande participação no crescimento, no desenvolvimento isso é uma questão da mulher africana, a mulher africana sempre foi ela do labor da vida foi ela, ajudava na alimentação dos filhos, foi ela que ajudava em tudo né?! A mulher africana essa coragem, esse dinamismo porque elas eram mulheres que trabalhavam como negociantes, trabalhavam não cruzavam os braços apesar mesmo na época da escravatura ela já tinha sua maneira de trabalhar para angariar fundos.*

Dialogando essa questão da ascensão social da mulher negra entre as depoentes da comunidade de Lages dos Negros, as opiniões se dividem entre os avanços e retrocessos, na fala da depoente Hilda veremos adiante a opinião dela em relação à mulher negra remanescente de quilombo dentro de uma sociedade discriminatória e excludente.

*Olha acho que nessa questão da mulher negra como ela tem se posicionado diante dessas questões na comunidade isso depende do ponto de vista de cada um, até porque esse negócio de quilombola é uma coisa recente, então a mulher negra foi mais trabalhada para ser serviçal do que liberta, hoje não dá pra ter um diagnóstico em quantitativo às mulheres que moravam nas senzalas são mulheres fortes até hoje elas continuam diante de tantas mazelas que o sistema tem pregado que está acontecendo, elas lutam pra continuar existindo e sendo pessoas fortes e resistentes, mas eu considero sempre uma mulher guerreira, porque independente dela ter o conhecimento de ser quilombola ou não ela esta sempre na luta pela sobrevivência pra defender o que é seu.*

O fato é que todas as depoentes consideram a mulher negra remanescente de quilombo, uma mulher forte e guerreira, sua militância lhe possibilita reivindicar seus direitos, e a mulher lajeana provou que não quer ser só dona de casa e empregada doméstica, mas cidadãs politizadas. Hilda confirma isso e diz:

*A mulher desenvolve um papel muito importante não é à toa, que em todo país a começar pela própria presidente da república que hoje é uma mulher e quantas outras na medida em que ela teve oportunidade ela mostrou seu potencial, sua capacidade então na maioria desses movimentos, dessas conquistas surgiu a partir das mulheres né?! Os homens que vão seguindo que vão fazendo assim, já não são seguidos, vai um na frente e o outro atrás, mas a mulher sempre com mais ousadia então aqui na comunidade a mulher que faz o papel, seja na associação ou no sindicato.*

A mulher lajeana é muito atuante, seja na associação ou no sindicato, o preconceito em relação a isso ainda se faz presente, pois como já citamos discutir gênero é o mesmo que falar das relações de poder, os homens não querem perder espaço para as mulheres e não conseguem dividir os espaços. A entrevistada Hilda corrobora isso quando diz:

*[...] Os homens eles não querem perder espaço embora já esteja perdendo, eles não admitem que estão perdendo espaço e que vão perder. Tem mulheres que fazem de tudo para ser o cachorrinho do marido, ele estala os dedos e ela está ali pra atender, então tem muito dessas coisas, existe a relatividade, tem uma que não dá para ser aquelas mulheres, porque elas não aceitam mais ser subordinadas por exemplo: hoje em dia a mulher está na frente dos negócios até tem uma piada que diz, tem um dia na semana que a mulher achava o marido bonito quando ele tava com dinheiro. E a gente percebia que o homem só dava dinheiro para a mulher quando era pouco pra fazer a feira, o homem diz: ah mulher o dinheiro hoje é pouco tu se vir. Quando era muito ele não dava não, ele fazia a feira e o que sobrava ele ficava pra ele, a gente percebe que isso já mudou... ela não se tornou, mesmo que ela não tenha estudo ela se tornou administradora do próprio lar, eles vão pra lá ficam dois meses sem mandar nada é o período que vai começar a se equilibrar e esse período ela tá aqui, passando necessidade, segurando a família, ela está garantindo a*

*permanência na terra. Então ela tá... é ela que faz com que a coisa aconteça, porque o homem quando o sapato aperta ele encontra logo um motivo e cai fora e a outra com um monte de menino é mais difícil.*

Diante de tantas opiniões percebemos como a mulher lajeana não quer mais ficar nos bastidores, ser coadjuvante, ela agora é protagonista de sua história, lutando e reivindicando seus direitos, buscando ser respeitada como mulher, negra, militante e quilombola.

### **3.4 O diálogo das identidades que se cruzam**

A sociedade brasileira é fruto da miscigenação de outras culturas, a identidade nacional que temos valoriza as características e ideologias dos colonizadores dominantes europeus – portugueses. O negro como parte integrante da cultura brasileira sofre desigualdade econômica, social e principalmente cultural no Brasil desde o século XVI, a exclusão sofrida pelos negros perdura até a atualidade. Oliveira (2006) ressalta que: “... embora as pessoas afirmem que não são preconceituosas, suas ações no dia-a-dia revelam que são racistas. Elas expressam isso no modo de falar, de agir e de olhar para o negro” (p.14).

Muitas vezes as práticas de racismo começam na comunidade a qual pertencemos e também na própria família, isso é perceptível em práticas do cotidiano como alisar o cabelo, afilar o nariz e outras diversas formas de assemelhar-se de características dos europeus. Afirmar uma identidade negra em uma sociedade dotada de preconceitos como a nossa é desafiador, instigados a discutir essas questões conversamos com as depoentes sobre o processo de construção da identidade negra na comunidade quilombola de Lages dos Negros. Para iniciar a nossa discussão sobre identidade perguntamos as depoentes sobre o reconhecimento quilombola da comunidade. Vejamos as falas de Angélica e Joelina:

*Angélica: Ela já foi reconhecida como quilombola.*

*Joelina: Já foi reconhecida desde 2004 ela foi registrada, foi a primeira comunidade reconhecida antes até de Tijuacu.*

Uma das formas de afirmar a identidade - principalmente quando pertencemos a um grupo específico – é resgatar a cultura e valores dos nossos antepassados, seja através de símbolos ou narrações de história, mas não podemos esquecer que as identidades sempre dialogam elas se cruzam e discutem o tempo todo, Woodward (2011) afirma nosso pensamento quando diz:

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (p. 11).

Assim é a comunidade quilombola de Lages dos Negros que busca ainda hoje preservar algumas manifestações culturais como um resgate identitário afirmando a identidade quilombola. Quando questionada sobre a existência de manifestações culturais ainda preservadas na comunidade a depoente Angélica respondeu:

*Olha tem o Congado, (pausa) Roda de São Gonçalo, é... Bumba meu boi, (pausa) deixa eu ver mais... Samba de pé, Roda de Terreiro, (pausa) o candomblé...*

A depoente Joelina ratificou a opinião da depoente Angélica e afirmou:

*Elas estavam quase esquecidas, mas hoje, hoje já são preservadas, hoje o que tinha de bom na comunidade a cultura os costumes estão se resgatando né?! O Reisado, O Congado, São Gonçalo, é... todas as manifestações culturais, ela esta sendo preservada.*

Morar na mesma comunidade não significa que as características individuais e as ideologias sejam homogêneas, em relação à preservação das manifestações culturais o depoimento de Hilda, vem nos dizer que apesar de morar no mesmo lugar as pessoas tem identidades diferentes, as opiniões muitas vezes são heterogêneas e isso torna a história de Lages dos Negros mais instigante a cada dia, segundo a depoente preservar os costumes de uma comunidade não é tão fácil assim, pois o conhecimento que é passado de geração em geração encontra barreiras para

prosseguir, tendo em vista o desinteresse dos jovens para dar continuidade a esses valores. Vejamos o relato da depoente:

*Tem pessoas que preferem seguir seu caminho né?! E a gente não pode dizer que não, por mais que as pessoas se juntem, se organize, que se organize em função disso, jamais porque hoje tem as ideologias, hoje tem o que, uma formação política, uma formação religiosa, uma formação social cada um prega uma influência na cabeça do indivíduo e isso faz com que as pessoas também deixa muito mais fácil eu chegar, talvez vocês de fora implantar uma coisa na Lages e dar certo do que eu que moro aqui...A gente tem a nossa igreja né?! Que foi a primeira igreja... só que isso aí com o passar do tempo as pessoas foram adquirindo outras influências é isso aí deixou de valer pra qualquer coisa historicamente entendeu? Então nós temos as festas juninas, a festa de Santo Antônio aqui ainda tem não é mais como era antes, mas ainda tem coisa bastante interessante, tem porque é um festejo junino é uma trezena não uma novena, a trezena é toda rezada, já tem algumas interferências é rezada durante as primeiras treze noites do mês, parte em português e parte em latim com foguetórios... É rezada em latim e é com queima de fogos e toque de zabumba e caixa é um verdadeiro sincretismo. Essas coisas eram coisas ocasionais, não acontece naquele período a gente tem vontade de fazer, mas não tem interesse...Os jovens é cada vez mais fácil pegarem um maculelê que tá entrando aqui agora e aplicar como uma coisa bonita, do que ele pegar a própria cultura uma roda, um samba de pé, que tinha muito na comunidade então as pessoas da comunidade mesmo desvalorizam a gente tá sempre discutindo as questões da folclorização da nossa cultura mas até aqui eu não vejo muito marca nenhuma de que ela vai deixar de ser folclórica pra ser cultura não.*

Ressaltamos ao longo da nossa pesquisa que Lages dos Negros é uma comunidade quilombola, mas afirmar isso não é motivo de orgulho para todos mesmo pertencendo a uma comunidade quilombola, a partir daí percebemos a importância da escola para trabalhar essa questão do resgate identitário, a depoente Hilda nos falou sobre sua intervenção no processo educativo de seus alunos para afirmar a identidade. Vejamos:

*Estou sempre trabalhando com os meus alunos, tomando a minha vida como exemplo não me canso não tenho vergonha da minha história [...]*

Para a depoente Hilda a identidade vai muito mais além de questões raciais como cor da pele, negro ou branco, a identidade é como nos enxergamos e afirmamos isso, sua fala é pertinente quanto a isso:

*Se confirmem, se identifiquem como quilombola, como mulher, como pobre, como negro e como nordestino entendeu? Como pessoa entendeu?*

Devido às imagens estigmatizadas dos negros ao longo dos anos, muitos têm dificuldade de identificar-se seja como negro, pobre, quilombola, pois a imagem negativa deixa marcas que perseguem aqueles que não têm como negar suas raízes, como é o caso dos negros. A depoente Joelina traz uma discussão que explica porque os jovens na comunidade de Lages dos Negros em sua maioria não afirmam a sua identidade de negro e quilombola. Observemos:

*Devido às discussões que temos tido na escola porque diante do sofrimento da rejeição das pessoas, os nossos filhos eles passaram a não querer mais ser negro porque tudo feio que diziam é de Lages dos Negros, tudo aquilo que era torto é de Lages dos Negros, tudo aquilo que não tinha muita validade também isso é da Lages dos Negros então os jovens passaram a não querer ser mais negro, inventaram não eu sou cravo e canela cor da pele [...] É sou moreno... eles começaram a arrumar um nome para a sua cor e isso dificultou grandemente as discussões nas escolas porque muitos não se identificava mais como remanescente de quilombo; primeiro muitos dos negros daqui casaram com brancos. A luta tem sido bastante apesar que só agora no ano passado, foi que os professores vestiram a camisa pra fazer isso, porque antes até os professores causavam essa discriminação, esse preconceito eles tinham um tratamento diferenciado para os mais claros e os mais escuros [...] Onde foi criado os comitês, quando foi criado um programa de Educação Quilombola, melhorou a situação os professores tomaram consciência de trabalhar a questão racial aqui dentro da nossa comunidade, quando se chega na creche já esta trabalhando a questão racial nas escolas de 1ª a 4ª série, no ensino fundamental de 5ª a 8ª série e no ensino médio também.*

Como enfatiza Woodward (2011),

“[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (apud RUTHERFORD, 1990, P.19 - 20).

Podemos definir o termo identidade como aquilo que somos, negro, branco, brasileiro, é como uma auto declaração daquilo que se é ou quer ser, quando alguém por iniciativa própria se orgulha de si mesmo e do grupo a qual pertence, está mais propícia a beneficiar este grupo, porém o conceito de identidade que cada um tem, está relacionado com as relações existentes no meio a qual pertence. Um exemplo disso é a depoente Angélica, que tem a pele um pouco mais clara que a maioria da população de Lages dos Negros e, no entanto se declara como negra. Vamos observar a sua fala:

*Tem pessoas que tem uma cor mais fechada acha que se eu tenho uma corzinha já eu não descendo muito [...] negra com muita honra [...]*

Discutir as relações identitárias na comunidade de Lages dos Negros, foi instigante, possibilitou-nos confrontar as identidades entre si, a comunidade caminha progressivamente para a construção de uma comunidade quilombola atuante e politizada, que busca a cada dia reivindicar seus direitos e realizar mais conquistas como negros quilombolas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo precípua: Analisar as relações identitárias constituintes da militância de líderes comunitárias de Lages dos Negros na constituição da escola pública. Neste trabalho foi possível observar a difícil trajetória da mulher negra lajeana para seguir em frente diante das barreiras de uma sociedade machista, destacando as vivências individuais das entrevistadas e suas manifestações identitárias dialogando entre si, proporcionando a esta pesquisa o desvelamento das janelas guardadas nas suas memórias.

Experimentar os contrapontos referentes ao universo da pesquisa de iniciação científica proporcionou-me aprendizagens inebriantes, como também analisar os dados de uma pesquisa e conviver tão perto dos sujeitos, possibilitou-me um maior interesse pela área da pesquisa.

Relatar histórias de vida de pessoas comuns nós fez compreender a importância dos movimentos sociais, pois a indignação é o ponto que nos leva a reivindicar buscando a transformação do meio ao qual pertencemos. Conhecer Lages dos Negros e entrevistar Angélica, Hilda e Joelina, foi uma experiência inigualável alargando os meus conhecimentos a cerca da militância política, da desigualdade de gênero e da identidade negra que muitas vezes é fragilizada pela opressão de um sistema que atende apenas as necessidades de uma classe dominante “branca”.

Lages dos Negros é uma comunidade em desenvolvimento, que conquista cotidianamente os interesses coletivos do povo graças à iniciativa de três mulheres fortes e destemidas, que com coragem foram buscar o conhecimento distante da realidade local, mas voltaram para compartilhar com a comunidade o que aprenderam.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

ALBERTI, Verena. Fontes **orais. Histórias dentro da história**. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes histórias. (org). 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

ALBORNOZ, Suzana. **Na condição de mulher**. Colaboradoras: Maria da Conceição de Araújo Carrion, Míriam Grossi, Sônia Pilla e Rosa Casaccia. Santa Cruz do Sul, Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 19.

ARROYO, Miguel. **Pedagogia em Movimento – O que temos a aprender com os movimentos sociais?** Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LAHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica: Um guia para a iniciação científica –2. Ed. Ampliada**, São Paulo, Makron Books, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª Ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil: da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna, 1999.

GARCIA, Regina Leite. **Método; Métodos e contramétodo** – São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 3ª Ed. \_ São Paulo: Atlas, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1982.

----- **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

----- **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Ed. 34, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 2. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ Marli E. D. A. **A pesquisa em educação. Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUCBA, 2004.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher negra na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica 2004.

-----, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **A África na Escola Brasileira**. Publicação do gabinete do senador. Brasília. 1991 / Referente ao primeiro fórum sobre o ensino da História das Civilizações Africanas na escola pública.

OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidades**. Brasília: Líber Livro editora, 2006.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. 18. Ed. Revisada e ampliada – São Paulo: Contexto, 2001.

PIRES, Dalzige; MACIEL, Joseli e MAGALHÃES, Kelly. **Mulher negra: preconceito e exploração**. In: SOPRAN, Fátima Leonor; AMORIM, Walquiria Therezinha. (orgs.) *Descobrimo Nossas Raízes, Cultura brasileira*, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, BA. 2004.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 16. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ROBERTO, Brim. **Sociologia: uma bússola para o novo tempo**. São Paulo. Thompson, 2006.

RUFINO, Alzira. **Avanço das mulheres. Que mulheres?** Eparrei. Santos, n.4, ano II, p. 12-13. In: MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

RUTHERFORD, J. (org.) **Identify: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart.(1990).

SANT'ANA, Antonio Olímpio de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados.** In: **Superando o Racismo na escola.** 2ª Edição revisada/ Kabengele Munanga, organizador: [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais.** São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

SILVA, Ana Célia da. **Ideologia do embranquecimento. Ideologia negra e educação.** Salvador – BA: Ianamá, 1989.

-----, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático .** In: **Superando o Racismo na escola.** 2ª Edição revisada/ Kabengele Munanga, organizador: [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

## FONTES ELETRÔNICAS

FREIRE, Paulo. **Sobre a Metodologia Popular - Princípios do Trabalho Popular -** (adaptação didática para circulação interna), 2000. Disponível em <http://www.recid.org.br/component/k2/item/494-metodologia-popular-princ%C3%ADpios-trabalho-popular.html> Acesso em 01/08/2012.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais: espaços de educação não formal da sociedade civil, 2004.** Disponível em <http://universia.com.br> Acesso dia 22 de novembro de 2011.

SILVA, Tarcia Regina da. **A construção da identidade negra em territórios de maioria afrodescendente.** Revista África e Africanidades – Ano 3 – n. 11, novembro, 2010 – ISSN 1983 – 2354. [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com) Acesso dia 03 de maio de 2012.

SIQUEIRA, Sandra Maria Marinho. **O papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade.** Disponível em <http://www.ufpe.br> Acesso dia 01 de junho de 2012.

**FONTES ORAIS**

Angélica Pinto de Carvalho entrevista cedida no dia 14 de abril de 2012.

Hilta Costa Araújo entrevista cedida no dia 14 de abril de 2012.

Joelina Celestino Barbosa cedida no dia 14 de abril de 2012.

# APÊNDICES



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII  
SENHOR DO BONFIM – BA  
PEDAGOGIA 2008.1  
DISCENTE JOILMA SANDRI JESUS DE SOUZA**

**APÊNDICE – A**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM AS DEPOENTES**

1. Como tem sido combatida a questão do racismo, do preconceito aqui na comunidade de Lages dos Negros?
2. Quais as manifestações culturais que vocês ainda preservam aqui em Lages dos Negros?
3. Sabemos da sua participação efetiva na constituição da Escola Municipal de Lages dos Negros, quais foram às dificuldades pra que isso acontecesse?
4. Quais foram às primeiras escolas que vieram pra Lages dos Negros?
5. Estas escolas trabalham a questão da identidade? Já que aqui é uma comunidade quilombola? Ela fala sobre isso com o aluno para que ele se identifique como um aluno quilombola?
6. As pessoas da comunidade se identificam como quilombolas, como negros?
7. Há uma divergência nessa relação de gênero porque vocês são mulheres? Como é que a sociedade daqui percebe enxerga, acompanha e o que eles acham disso?
8. Ao longo dos anos como a mulher negra aqui de Lages dos Negros, remanescente de quilombo tem se posicionado dentro de uma sociedade machista e excludente?
9. Quais são os principais desafios e expectativas que a comunidade de Lages dos Negros tem a conquistar ainda?
10. A comunidade de Lages dos Negros já foi reconhecida como quilombola?

**APÊNCIDE – B**  
**FOTOS**



Comunidade Quilombola de Lages dos Negros



Centro da Comunidade Quilombola de Lages dos Negros, Igreja Católica



Colégio Municipal  
Rosalvo Luis Celestino

Colégio Estadual Prof<sup>a</sup>  
Luzia de Freitas e Silva  
(Extensão Lages)



Escola Odulfo Domingues



20 de novembro de 2011, I Fórum de Discussão Sobre Políticas Quilombolas.



Sandri (I Fórum de Discussão Sobre Políticas Quilombolas e Resgate Identitário de Lages dos Negros, 20 de novembro de 2011.



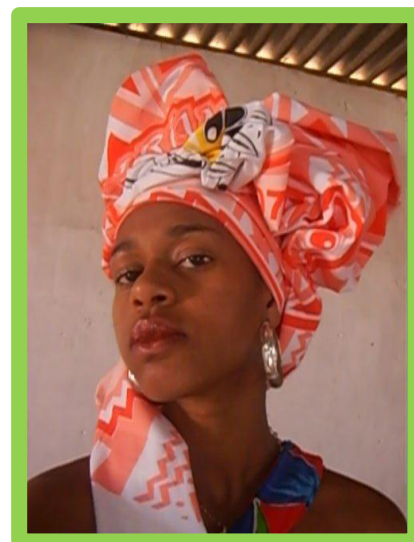
Peça teatral representando a comunidade de Lages dos Negros, 20 de novembro de 2011



Apresentação de manifestação cultural, Lages dos Negros, 20 de novembro de 2011.



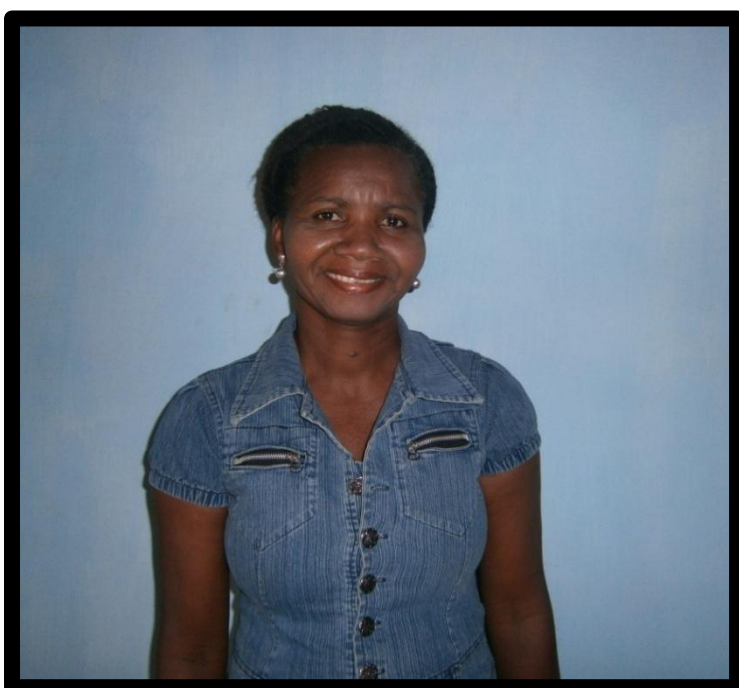
Sandri, (desfile de moda africana) Tijuçu, setembro de 2008, Senhor do Bonfim/BA.



Sandri e Cosme Onawale (prof<sup>o</sup> de história, ministrou o curso: Ensinando Quilombolas a Cobrar seus Direitos Cidadãos. Relatando a história da África e a história do negro no Brasil) Tijuçu, setembro de 2008, Senhor do Bonfim/BA.



Angélica Pinto de Carvalho  
(entrevistada)



Hilda Costa Araujo (entrevistada)



Joelina Celestino Barbosa  
(entrevistada)